

Universidade Federal Do Rio De Janeiro

Diagrama, Perspectiva e Centralidade:

Análise do projeto de Jorge Mário Jáuregui no Morro do Fubá

Igor de Moraes Vieira Dias

2018

Diagrama, Perspectiva e Centralidade:

Análise do projeto de Jorge Mário Jáuregui no Morro do Fubá

Igor de Moraes Vieira Dias

Produto final do trabalho final de graduação de ênfase teórico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Fabiola do Valle Zonno

Rio de Janeiro
Dezembro / 2018

Lista de Imagens

Figura 01: Mapeamento de praças – Plano Agache, 1930. Fonte: <http://planourbano.rio.rj.gov.br> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 02: *Localização do Morro do Fubá entre os bairros de Cascadura à direita e Campinho à esquerda. Google Maps, 2018* <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 03: *Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999* Antes e depois do acesso principal do morro do Fubá. @telier metropolitano, 1999 Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 04: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Diagrama de Leitura do Lugar Fubá-Campinho. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 05: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – *Visão aérea Fubá-Campinho*, Fubá-Campinho. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 06: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Visão superior da rampa de acesso à Fubá-Campinho, Fubá-Campinho. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 07: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – *Visão aérea da escola, centro cívico e praça construídos no topo da comunidade*, Fubá-Campinho. Fonte <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 08: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Perspectiva do telhado da escola. Fonte: <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 09: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2009 – Visão aérea da creche comunitária. Fonte <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 10: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2010 – Diagrama de Leitura do Lugar – Fubá-Campinho. <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 11: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1997 – Diagrama de Centralidades do Fubá-Campinho – Fubá-Campinho. <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 12: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1997 – Espaço de construção da Creche comunitária <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/2018>

Figura 13: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1997 – Antes e depois da sede da empresa de reciclagem <http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html> <Acessado em: 20/09/20

Figura 14: Marco de início do centro de esportes visto de dentro, Fubá-Campinho, acervo do autor, 2018

Figura 15 : Perspectiva do topo da comunidade, Fubá-Campinho, acervo do autor, 2018

Figura 16: Quadra superior do centro esportivo, Fubá-Campinho, acervo do autor, 2018

“Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.”

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Sumário

Introdução.....	7
1. Antes e Depois do Favela-Bairro: surgimento, desenvolvimento, crítica e transformação... 13	
2. No Âmbito do Favela-Bairro – apresentando o problema e o projeto Fubá-Campinho 24	
3. Volumes Coloridos na ladeira - Análise do Projeto Fubá-Campinho..... 33	
Conclusões.....	52
Anexo: entrevista de 10/10/18	55
Bibliografia	64

Introdução

Jorge Mário Jáuregui (1948) é um arquiteto Argentino formado pela Universidade Nacional de Rosário com diploma validado pela Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. No fim dos anos 1970, Jáuregui se muda para o Rio de Janeiro onde tem suas primeiras atuações como arquiteto e urbanista trabalhando principalmente na escala urbana. Por toda sua carreira, se debruça sobre os desdobramentos na tênue linha entre a cidade ‘formal’ e a cidade ‘informal’, ponto chave no desenvolvimento de grandes cidades na América Latina atual.

Entre seus principais trabalhos estão intervenções urbanas de médio e grande porte em importantes favelas cariocas a partir da década de 1990 com o programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro (PROAP) conhecido como Favela-Bairro. Atuou ainda em conjunto com a iniciativa pública a partir de programas federais de incentivo ao crescimento (PACs) como no Núcleo habitacional do Alemão (2010), o teleférico do Complexo do Alemão (2011) e a biblioteca de Manguinhos (2010). Atualmente é responsável pelo escritório de arquitetura *@telier Metropolitano* localizado na Glória, Rio de Janeiro.

Em suas investigações, Jáuregui projeta uma arquitetura atenta aos valores locais e que se relaciona com os questionamentos que nascem no pós-segunda guerra; afirmando-se como um pensador da condição pós-moderna e contemporânea nas grandes cidades. Não somente um arquiteto que pensa o conflito da periferia com relação ao centro, mas também suas formas carregam valores plásticos destacáveis, numa contribuição formal que se afiniza às discussões que permeiam o campo da arquitetura nas últimas décadas do século passado.

A contribuição de Jáuregui ganha corpo quando ajuda a evidenciar os conflitos socioeconômicos tão presente na América Latina; no entanto, sua relevância vai além deste

campo de atuação. Seus métodos e obras projetam o continente latino para uma discussão com referências mundiais e de reposicionamento crítico do contexto latino, evidenciando uma postura que se avoluma, fazendo coro com outros grandes nomes que mudam o cenário latino-americano no campo da arquitetura

O atual contexto da América Latina, tanto no campo arquitetônico quanto no político, possui raízes históricas nos desdobramentos do segundo grande conflito mundial. A partir desta leitura, principalmente da segunda metade do século XX, é possível construir uma correspondência entre o pensamento contemporâneo no que tange à arquitetura e às influências multidisciplinares que complexificaram o trabalho do arquiteto.

É justamente neste cenário que inúmeros arquitetos se debruçam sobre questões locais e especificidades de seus respectivos contextos, mas atentos aos desdobramentos e questionamentos da arquitetura contemporânea em escala mundial. A figura de Jáuregui aparece como representante do desafio do arquiteto de lidar com uma realidade complexa e responder a ela como tal. Realidade esta que exige dos arquitetos em formação um entendimento global da função do arquiteto e um posicionamento crítico sobre as diretrizes arquitetônicas e urbanas tomadas historicamente, bem como as que serão tomadas.

O contexto da Latino América se apresenta como o resultado dos inúmeros fatores que atuaram sobre o continente desde a colonização. Resguardando as especificidades climáticas, topológicas e culturais, as cidades latinas tiveram seus desenvolvimentos fortemente ligados à figura do colonizador que, baseado nas cidades europeias, reproduziu em solos mais quentes a imagem de cidade que encontravam do outro lado do oceano. Um passado em comum e repleto de disputas políticas e sociais, os problemas urbanos com violência, tráfico de drogas, periferias que crescem à revelia do Estado; são alguns dos aspectos contemporâneos comuns entre quase todas as grandes cidades latinas.

Este trabalho parte das relações da arquitetura de Jáuregui com a crítica ao ambiente urbano moderno e em como ele articula seu discurso nas suas intervenções. Especificamente, cabe a este trabalho analisar o Favela-Bairro Fubá-Campinho, intervenção comandada por Jorge Mário Jáuregui no final dos anos 90. O projeto, de implantação dificultada pela encosta instável da favela, foi desenvolvido de forma a não provocar nenhuma remoção e criar o menor impacto nas construções já existentes.

Partiu-se, portanto, ao entendimento dos vazios potenciais da comunidade e, em articulação com um trabalho de engenharia dos solos, foi-se permitido a construção de uma intervenção de grande porte na malha da favela. Pela dimensão da intervenção e pelo posicionamento preciso da comunidade (entre duas vias de grande importância para as zonas norte e oeste), o projeto de Jáuregui aparece como representante possível da abordagem arquitetônica nas favelas no âmbito da luta pela dissolução das barreiras físicas e virtuais (sociais) entre a cidade tida como “formal” e a periferia favelizada.

O presente trabalho se lança à articular o caráter local da periferia e o trabalho construído por Jáuregui nos seus diagramas de leitura do lugar. Para tanto propõe-se uma pequena introdução histórica do desenvolvimento das periferias e das primeiras intervenções públicas que se dispuseram a lidar com a borda dos centros urbanos. Neste preâmbulo histórico, tentarei articular o desenvolvimento urbano das cidades cariocas com a crítica construída por Lefebvre (*O Direito à Cidade, 1968*) aos centros urbanos de cidades capitalistas e da marginalização dos trabalhadores.

Pretende-se também buscar o entendimento do termo “formal” para, desta forma, conseguir trabalhar em contraponto com relação ao adjetivo “informal”. Esta estratégia busca evitar categorizações que engessem as disposições urbanas da não-centralidade, tentando deixar em aberto o plano que explora a periferia como um lugar de muitas relações e

possibilidades, e não com a leitura direcionada para um ambiente que morfologicamente “represente” a favela.

Depois da ambientação histórica, avança-se pelos desdobramentos dos programas anteriores ao Favela-Bairro, numa tentativa de trazer para a discussão do projeto de Fubá-Campinho uma linha crítica de raciocínio construída a partir das articulações dos projetos e das tentativas anteriores ao Favela-Bairro. Acompanhando a perspectiva de multidisciplinaridade do projeto, traz-se para este trabalho a perspectiva de dois sociólogos que se relacionam com a periferia e com as centralidades urbanas. Maria Alice Carvalho e Marcelo Burgos escrevem criticamente sobre o caráter “hiperlocalista” das intervenções públicas nas favelas cariocas e publicam seus textos no *Cidade Integrada III*, livro publicado pelo IAB-Rj em 2013.

O texto avança pela apresentação do projeto de Jorge Mário Jáuregui da forma com que foi pensado e executado ainda na década de 90, buscando apresentar ao leitor a obra analisada para, em seguida, articular as análises baseadas na bibliografia, na visita feita ao sítio e a entrevista concedida por Jáuregui ao autor do texto.

A análise se desenvolve na construção de um paralelo entre o projeto original e a situação atual da intervenção hoje, destacado, a cada ponto, a característica destacada pelo arquiteto, do desenvolvimento de sua fala no projeto, a situação atual deste aspecto e a crítica teórica deste ponto específico. Assim, costurando passado, presente e crítica arquitetônica, procura-se estabelecer um raciocínio capaz guiar o leitor pelo projeto e suas reverberações na arquitetura e no espaço urbano.

Destas análises, emergem três pontos fundamentais para o entendimento da obra posta sob o crivo deste trabalho: o diagrama enquanto processo, a perspectiva como relação com a cidade e a centralidade com estratégia de tenção da barreira “formal” x “informal”.

Os diagramas serão analisados partindo do entendimento desta prática na arquitetura (Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação, Montaner, 2017), buscando reações entre estes desenhos, o discurso do arquiteto e a leitura do lugar proposto pelo arquiteto. Somado a isso, o texto revisita o lugar partindo da visita de campo, articulando com fotos e mapas as perspectivas encontradas hoje, as vontades do arquiteto e as relações diagramáticas construídas e mantidas.

De forma similar, no tencionamento entre centro e borda, volta-se ao caminho percorrido no lugar atualmente, trazendo em paralelo a orientação criada por Jáuregui com seus diagramas de centralidade, onde o arquiteto articula movimentos existentes da comunidade com os espaços de implantação de seu futuro projeto. Também originário nos diagramas, volta-se para o discurso do arquiteto e para a vivência testemunhada na visita, articulado com a leitura de percurso e pertencimento de Paola Berenstein (Estética da Ginga, 2001)

Por fim, a perspectiva segue a crítica da imagem de Kevin Lynch (A Imagem da Cidade, 1958) e de suas proposições sobre a legibilidade urbana enquanto estratégia para o pertencimento, criação de vínculo e orientação geográfica. Aqui existe uma tentativa de ler os marcos construídos por Jáuregui para “guiar” passos dos visitantes e moradores pelos caminhos chamados labirínticos por Berenstein. Volta-se ai diagrama para partir das primeiras identificações da visada da cidade partindo da favela e das tentativas formalizadas por Jáuregui de conseguir este entrosamento.

No final, ao que se espera, tem-se como conclusão as diferentes nuances relacionais do projeto de Jorge Mário Jáuregui com o morador e com a cidade, numa construção simultânea de vínculo e liberdade urbana, de espaço de lazer e de habitar. Nesta perspectiva,

possivelmente se reconheça a articulação do arquiteto com um habitar que evade as paredes das casas e se encontra na rua, no lugar comum, na sociabilidade.

No primeiro capítulo, busca-se fazer uma breve revisão do processo de implantação do programa Favela-Bairro, a fim de trazer para a discussão deste trabalho a difícil tarefa histórica de ler a periferia dos centros urbanos como parte ativa e constituinte das cidades. Procura-se, também, interpretar o que é a ‘cidade formal’, com base no pensamento de Henri Lefebvre (1968), para explicitar as diferentes nuances engendradas pela dicotomia formal x informal, bem como a dupla significação de cidade ‘formal’. Por fim, explora-se a história de forma a evidenciar uma leitura comum dos ambientes segregados num esforço de criar uma unidade heterogênea da urbanidade contemporânea.

1. Antes e Depois do Favela-Bairro: surgimento, desenvolvimento, crítica e transformação.

Para compreender o desenvolvimento urbano defendido pelas diretrizes do Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro (PROAP), conhecido como Favela-Bairro, faz-se necessário um reconhecimento histórico sobre o lugar da periferia favelizada nos planos urbanos do Estado, bem como as intervenções programáticas para a inserção de tais assentamentos na dita cidade ‘formal’.

Historicamente, as grandes cidades foram polarizadas em duas partes: formal e informal. A primeira parte, aquela onde o poder público age, segue as regras urbanas expressas em papéis legais. A outra, fora do sistema, cresceu à revelia das regras da cidade planejada, mas guarda com a cidade formal uma relação de causa e consequência. Isto é, são, em união, uma a justificativa da existência da outra. Para que haja o qualitativo ‘informal’, é necessário saber o que significa seu oposto. O entendimento do termo ‘formal’ demanda, aqui, um esforço específico. Pode-se facilmente inferir de que se fala de cidades planejadas pelo

desenho, que guardam, na disposição de seus volumes e vias, a chave do seu reconhecimento, ou seja, carregam na sua morfologia o significado principal de sua disposição territorial.

Obtém-se, assim, segundo Lefebvre, uma dialética, já que a análise da ‘forma’¹ da cidade, que não é somente forma, abre-a para seu conteúdo, para uma existência social, com reverberações no plano ‘real’. Portanto, o ‘formal’ possui uma dupla existência. Uma pura e transparente, que compete à existência mental, e outra opaca, relacionada ao seu conteúdo, com aquilo que dá sentido à forma, já que não há forma sem conteúdo e vice-versa. Nesta dualidade, partindo da dupla existência da ‘forma’, é preciso compreender a existência social por trás de cada existência mental da ‘forma’ da cidade².

Neste esforço, pode-se tratar dos tópicos salientados por Lefebvre com a relação das duplas existências da ‘forma’: lógica, matemática, linguagem, troca, contratual, do objeto, escriturária e urbana. Este trabalho não pretende analisar detalhadamente cada uma destas categorizações da ‘forma’, mas, para melhor compreender a relação com a cidade que aqui está sendo analisada, é necessário fazer um reconhecimento de alguns destes tópicos que podem ajudar no desenvolvimento deste texto e das análises.

Entre as subdivisões mais reconhecíveis no processo de transformação urbana atual, pode-se colocar a *forma matemática*, aquela que fala mentalmente da ordem e da medida, e socialmente das divisões, classificações e racionalização quantitativa. Por sua vez, a *forma da linguagem* trata da coerência e da capacidade de articular elementos no plano mental, enquanto no social diz da coesão das relações, coação da coesão e codificação das relações. Por fim, a *forma urbana* que mentalmente trata da simultaneidade dos acontecimentos e

¹ ‘Forma’ se refere à junção da forma (objeto, volume, composição tridimensional) com seu conteúdo (extrato social, relação com real). Espera-se evitar, desta maneira, a confusão entre a existência dual da cidade (forma + conteúdo), com uma análise morfológica (simplesmente forma).

² LEFEBVRE, H. “Sobre a forma urbana” In: *O direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 2016 p. 89-95

percepções, e socialmente diz sobre a reunião, o encontro e, portanto, a sociedade urbana como lugar socialmente privilegiado. É importante salientar que a cidade é a conjunção destes tópicos em coexistência, numa realidade complexa de leituras múltiplas, e não uma categorização deste ou daquele tópico específico.

Na perspectiva *matemática*, pode-se inferir o processo de setorização das cidades que, na glosa social, reflete na maquinização da construção urbana, que ignora fatores de sociabilidade em detrimento da quantificação das necessidades. No que tange à *linguagem*, fala-se da coerência urbana buscada pelos urbanistas no esforço de homogeneização dos signos comunicantes, que socialmente excluem a periferia que não se ‘comunica’ como estipulado pela sociedade formal. A *forma urbana* engloba enclaves dos outros pontos, mas diz também da construção de um lugar de sociabilização e de relação que, ao privilegiar um determinado segmento, exclui uma parcela da sociedade desta realidade relacional.

Deste pequeno apanhado, deve-se atentar para a estratégia escolhida para análise, neste trabalho, da leitura do local e da intervenção proposta por Jorge Mário Jáuregui no contexto da favela. Uma vez reconhecido o valor real do termo ‘formal’, pode-se estipular que o que não se enquadra nele é, portanto, ‘informal’. Demonstrar o que é ‘informal’ pelo seu oposto é um processo que busca permitir que o contexto no qual está inserido o objeto deste texto, a favela, existe em diferentes nuances, prevenindo este escrito de qualquer homogeneização que busque responder ‘o que é favela?’.

O que não é ‘formal’ na cidade é a periferia urbana construída ao redor dos grandes centros. Transformando-se em pilar de sustentação desta realidade ‘formal’, a informal não constava nos mapas da cidade até 1980. Os primeiros esforços urbanos de ação nestes territórios marginalizados não se configuraram como medidas efetivas de inclusão destes espaços na malha urbana, mas eram antes tratadas como algo a ser combatido.

Em 1930, o plano Agache³ tratou as favelas como estruturas nômades semelhantes às cidades satélites, ainda que as primeiras ocupassem, preferencialmente, o topo dos morros de forma espontânea. Mas aquelas se distinguiam destas por abrigarem “uma população meio nômade, avessa a todo e qualquer regra de higiene”⁴. Tal pensamento reverberou por longo tempo na política pública brasileira, retardando o entendimento do pertencimento urbano e da integralização do território por parte do poder público.



Figura 1: Mapeamento de praças – Plano Agache, 1930

³ Esta primeira proposta de intervenção urbanística realizada na cidade do Rio de Janeiro apresentava em suas propostas visões e preocupações modernas para uma cidade tipicamente industrial. Foi a primeira vez que as favelas foram abordadas por parte do poder público. Pioneiro também no planejamento de transportes de massa, habitação operária e delimitação de áreas verdes, o Plano foi elaborado pelo arquiteto francês Donat Alfred Agache (1875-1959) tendo sido concluído em 1930.

⁴AGACHE, D. In. *Cidade do Rio de Janeiro: Extensão- Remodelação-Embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930, p.18

Trinta anos depois, surgem políticas de desenvolvimento de habitação social em enormes conjuntos de moradias de baixa renda. O Banco Nacional de Habitação (BNH) foi responsável por inúmeros projetos implementados que vislumbravam realocar os moradores das favelas em bairros afastados da centralidade. Não se pretende construir, mais uma vez, uma narrativa que reposiciona o olhar público num viés excludente das classes mais baixas, ou reafirmar essas iniciativas como tentativa de apagamento de memória da população periférica. No entanto, não se pode avançar nesta discussão sem perceber as diferentes forças interpeladas no plano da cidade que se utilizaram de premissas públicas para excluir milhões de habitantes de baixa renda.

O que se pretende neste texto é compreender o movimento de transição do surgimento das periferias centrais que se ocupavam das partes altas da cidade do Rio até a inserção destes lugares nas políticas públicas de desenvolvimento urbano, passando por anos de resistência contra as leis de segregação propostas por políticas higienistas disfarçadas de planos urbanos desapegados da realidade dos grandes centros. A oposição às políticas de remoção garante força aos moradores e, por conseguinte, ao lugar onde eles se instalavam, provando que, como disse Lefebvre, “no contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes, reforçam o sentimento de pertencer”⁵.

Dito isto, pode-se avançar na história, percebendo que nem sempre as favelas foram tratadas como algo a ser ‘recuperado’. Entre o desenvolvimento de habitações pelo BNH e sua incorporação pela Caixa Econômica Federal em 1986, sob o mandato de Jamil Haddad (1926-2009), prefeito nomeado por Leonel Brizola (1922-2004), então governador do Rio de Janeiro, nasce o embrião do atual programa de urbanização da cidade: o Cada Família, Um Lote.

⁵ LEFEBVRE, Op.cit, p.13

Este programa foi o primeiro sinal do poder público para tentar incorporar em seu grupo de políticas de desenvolvimento a manutenção dos moradores destas regiões em suas casas, sem o vislumbre obrigatório de remoções e de reassentamentos. Portanto, foi somente em 1983 que a Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE) incorporou o plano de esgoto e água da cidade nas favelas, onde a coleta de lixo também foi estabelecida e regularizada.

Embora qualquer discussão sobre diretrizes urbanas e desenvolvimento das cidades se dê no plano das ideias, o olhar no solo construído junto aos estudos específicos de cada realidade é de fundamental importância. Porém, como apresentado, as favelas só foram incorporadas aos planos urbanísticos em 1983, ou seja, há 35 anos; e ainda demorou um tempo para que o poder público pudesse, na prática, interferir de maneira eficaz nestas regiões.

O que acontece a seguir é a política de busca de um tempo perdido. Os governos sucessivos ao de Leonel Brizola foram tratando da questão urbana cada vez mais intensamente, sem significar, no entanto, que as políticas de desenvolvimento periférico fossem, na realidade, uma mediada de integração de espaços públicos. Em 1990, ancorado pela constituição de 1988, o Favela-Bairro é implementado pela Prefeitura carioca como, talvez, a primeira medida efetiva de incorporação destas zonas no âmbito urbano já tão debatido.

Já no âmbito do Morar carioca, terceira geração de proposta pública de intervenção específica nas periferias carentes, muitos estudos foram feitos de maneira a compreender a evolução das propostas dos diferentes programas. Neste intuito, artigos foram compilados numa série intitulada Cidade Integrada, publicada pelo IAB – RJ (Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio de Janeiro, 2013) com apoio da prefeitura do Rio, reunindo um conjunto multidisciplinar de profissionais que se colocam a entender as políticas aplicadas pelo

programa, suas origens e seus desdobramentos. As críticas pertinentes dos especialistas ganham maior alcance por terem sido publicadas em edição bilíngue português-inglês, demonstrando o interesse das partes em ampliar a discussão, bem como dividir a experiência adquirida nas intervenções.

Nesses textos já se compreende uma dimensão favoravelmente diferente da dos outros programas com relação ao Favela-Bairro. Nas palavras dos sociólogos Maria Alice Carvalho e Marcelo Burgos, o programa pretendeu, de fato, a transformação destas regiões em bairros, como conhecidos na cidade ‘formal’, numa valorização do ambiente da favela, mas sem apagar a identidade de cada comunidade. Deste programa deveria emergir, pois, ao que se esperava, “um território dotado de equipamentos compatíveis com o restante da cidade, mas, ao mesmo tempo, portador de uma singularidade”⁶. O que significava, ainda, segundo os pesquisadores, de uma forma não tão pragmática, uma valorização da diversidade e da mistura de classes, cores e culturas já proporcionada pela construção popular espontânea da cidade carioca.

Outro viés fundamental do Favela-Bairro era a participação popular nas diretrizes do processo e das intervenções. Reconhece que o programa se colocou de maneira mais democrática a ouvir as comunidades para poder melhor compreender as realidades específicas e, assim, intervir de maneira mais efetivas nas favelas. Obras construídas em parceria com as associações de moradores, entrevistas feitas com a população sobre o desenvolvimento das obras foram parte ativa no desenvolvimento da ação do Estado.

Esta orientação popular, conhecida como diagnóstico social participativo, pretendia resolver os ruídos existentes entre o interesse local e o poder público. Todavia, segundo

⁶ GUIMARÃES, Cêça; MOREIRA, Pedro da Luz (Org.). *Cidade Integrada III reflexões sobre diagnóstico social*. Rio de Janeiro: Intituto de Arquitetos do Brasi, 2013. p.19

Carvalho e Burgos, o diagnóstico concebido era, antes de um meio participativo, uma visão maximizada do lugar da favela. As lentes de aumento usadas para aplicação deste questionário optaram por “circunscrever a escala do diagnóstico ao território específico da intervenção, excluindo moradores, organizações e fluxos do entorno”⁷, o que testemunhou contra a premissa de integração que o próprio programa se pretendia.

Ainda para os autores, outro ponto a ser criticado no diagnóstico era a falta de rigor científico das entrevistas realizadas, o que acarretou num tratamento ingênuo das demandas da população, sem o crivo necessário do olhar técnico sobre os problemas enfrentados. Um diagnóstico não técnico e uma visão restrita da área de intervenção favoreceram o desenvolvimento de um projeto “hiperlocalista”, que delimitava de maneira precisa um território carregado de nuances e de fronteiras não cartesianas.⁸

Partindo destas análises, percebe-se como o embrião para o entendimento da periferia como parte constituinte da cidade, o projeto Favela-Bairro, influenciou o desenvolvimento do olhar público para as regiões periféricas dos centros urbanos. No entanto, o caráter local das intervenções e o desejo político por trás de cada ação pública recortaram o programa de forma a torná-lo, em seus anos finais, em um conjunto de atitudes emergenciais que apenas solucionavam problemas de maneira superficial.

O projeto para Fubá-Campinho se consolida no meio do programa e de suas críticas. Com um escopo similar aos projetos do Favela-Bairro, a intervenção na comunidade da zona norte partiu de pontos básicos como acessos, esgoto e água encanada. No entanto, a importância deste projeto para a análise no conjunto está em parte na tentativa do arquiteto em estabelecer uma relação com a parte plana da cidade que vai além das disposições físicas

⁷ Ibid., p. 20.

⁸ Ibid., p.20-21

como pela permanência ativa dessas instalações na comunidade ainda hoje que, mal ou bem, preserva o projeto como parte constituinte da favela.

Em entrevista⁹, Jáuregui afirma que nenhuma arquitetura pública se mantém sem o interesse do Estado. Segundo ele, o Estado se interessa por fazer o projeto e implantá-lo, mas não se volta para a manutenção dos espaços criados, impossibilitando que qualquer projeto vingue. Esta não é uma crítica ao programa Favela-Bairro em específico, mas pode-se facilmente assimilar que, com a mudança de governo, mudam os interesses, dificultando a manutenção de qualquer programa público.

Somente em 2010, o programa foi substituído pelo Morar Carioca. Desta vez, o poder público elaborou suas medidas de interferência urbana pautado na experiência trazida pelo programa anterior, sendo este último, o Morar Carioca, a continuação dos pontos de integração embrionárias no Favela-Bairro. Pretende-se, agora, lançar um olhar para o conjunto da favela evitando a “hiperlocalização” das intervenções e vislumbrando a manutenção desta realidade correlacionada entre as duas malhas urbanas que, para serem justapostas, pararam de ser vistas com uma a antítese.

A perspectiva alcançada depois de anos de experiência com inúmeros programas remete ao reconhecimento das periferias como parte integrante da malha urbana, uma vez que carregam, conforme Lefebvre, relação de dependência com o centro. Esta quebra de paradigma, por mais que tardia, possibilita a inserção destas regiões não somente no campo real da cidade, mas possibilita articular os diferentes aspectos da urbanidade como parte integrantes de um todo comum. Esta nova perspectiva diz mais do que o desenvolvimento

⁹ Entrevista concedida ao autor, Igor Dias, em 10/10/18. Ver anexo.

urbano conjunto, falando também dos desdobramentos do aspecto social dessas nuances urbanas, das relações entre os moradores.

O olhar histórico aparenta advogar contra a exclusão da classe trabalhadora do convívio central das cidades, uma vez que a urbanidade buscada trata de um *espaço social*. Como concebido por Lefebvre, o lugar, seus objetos e, principalmente, as livres relações entre os habitantes e esses objetos são construídos por todos que fazem a cidade. O que se perde nesta exclusão é a vida em conjunto representada pelo cotidiano e pela cidade, “era participar de uma vida social, de uma comunidade”¹⁰, dando lugar a um “*habitat* levado à sua forma pura pela burocracia estatal”¹¹; ou seja, perde-se a relação com o outro e com a cidade em troca da moradia, de teto, como se fosse sempre uma escolha, não uma coexistência.

A substituição de *habitar*¹² em conjunto para o *habitat burocrático*¹³ desdobra, segundo Lefebvre, a troca da “criação” pelo “fazer”, acarretando na diminuição do “valor de uso”, quer dizer, subordinando uma parte da cidade à outra com valor mais alto. A exclusão da periferia do projeto urbano dificultou a criação de lugares de pertencimento por parte desta população reafirmou gravemente as fronteiras ainda permanentes nas cidades modernas. Os projetos de urbanização que foram construídos no âmbito dos programas públicos de desenvolvimento urbano apresentados neste capítulo se colocaram contra esta divisão da malha urbana, porque acreditaram que nem “os violentos contrastes entre riqueza e pobreza,

¹⁰ LEFEBVRE, Henri, 2016 p. 25.

¹¹ Ibid., p. 27.

¹² Termo cunhado por Martin Heidegger em ‘Construir, Habitar, Pensar’ (1958) onde o ser (Ser-no-tempo) se relaciona com os outros seres e com as entidades, ao passo que se deixa ficar (demorar-se) sobre a terra, numa realidade relacional. Este texto de Heidegger foi escrito como uma crítica à produção moderna no pós-segunda guerra marcada pelo funcionalismo e pela produção em série de moradias.

¹³ Refere-se ao urbanismo administrativo tratado por Lefebvre que “Baseia-se ora numa ciência, ora em pesquisas que se pretendem sintéticas (pluri ou multidisciplinares) [...] que tende a negligenciar o ‘fator humano’”. Cf. LEFEBVRE, 2016, p. 31.

os conflitos entre poderosos e oprimidos impedem nem o apego à Cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra”¹⁴.

Ainda que muito se tenha a dizer dos desdobramentos do Favela-Bairro e, por conseguinte, do Morar Carioca, este trabalho pretende tratar dos projetos concebidos no âmbito do primeiro programa, mesmo quando suas implementações se demoraram a ponto de serem inaugurados quando este já havia sido reformulado. Mais especificamente, trataremos, aqui, do conjunto arquitetônico e urbano dos projetos de Jorge Mário Jáuregui e de como sua obra e suas escolhas projetuais pretenderam abordar nuances sociais e filosóficas num âmbito tão pragmático que ainda desenvolvia a importância do valor da coletividade e do pertencimento na vida urbana comum.

No próximo capítulo, busco apresentar o projeto Favela-Bairro Fubá-Campinho como este foi concebido por Jorge Mário Jáuregui. Apresenta-se o local onde está inserido o projeto e suas relações com as demais partes da cidade. Já no seu interior, exploro, na perspectiva do projeto, o caminhar por entre a comunidade apresentando as intervenções construídas ao ponto que se cruza todo o morro. Não existe ainda, no entanto, o interesse de analisar e criticar a obra, tarefa reservada aos próximos capítulos.

¹⁴ LEFEBVRE, op. cit, p.13.

2. No Âmbito do Favela-Bairro – apresentando o problema e o projeto

Fubá-Campinho

O morro do Fubá encontra-se localizado na zona norte do Rio de Janeiro, entre os bairros de Cascadura e Campinho. A posição estratégica da comunidade e a primeira grande estratégia pública de combate ao tráfico marcaram fortemente o caráter do trabalho a ser desenvolvido por Jáuregui. Atualmente, é possível chegar ao projeto de BRT, mas, quando de sua construção, o sistema ainda não havia sido implantado. No entanto, a comunidade é margeada por vias importantes da zona norte carioca, como a Cândido Benício e a Intendente Magalhães. A primeira corresponde à via principal de acesso aos bairros subjacentes, cortando

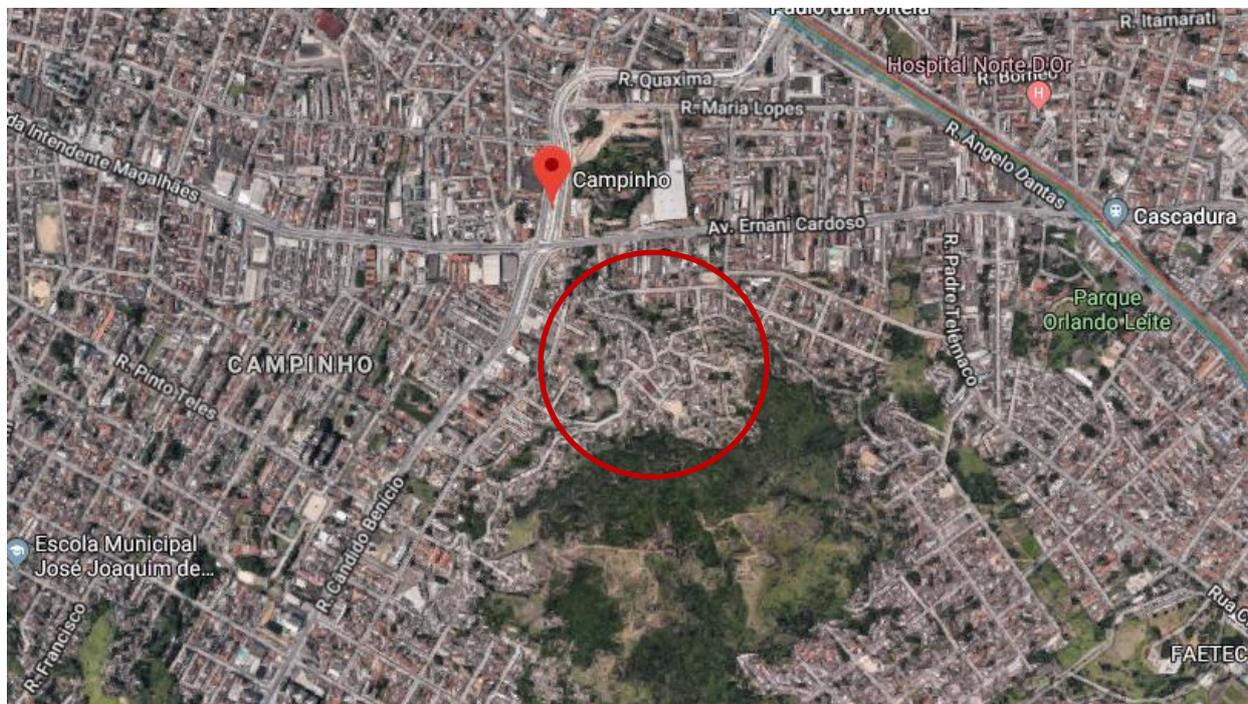


Figura 2: Localização do Morro do Fubá entre os bairros de Cascadura à direita e Campinho à esquerda. Google Maps, 2018

a Praça Seca em direção à zona oeste, já a segunda liga bairros importantes, como Padre Miguel e Senador Camará, ao restante da zona norte em direção ao centro.

Diferente de outras intervenções do programa Favela-Bairro, o início deste projeto contou com a busca por espaço para o desenvolvimento da empreitada, uma vez que a comunidade sofria de grandes problemas, como encostas instáveis, o que representava diretamente uma grande dificuldade de acesso tanto dos moradores quanto das autoridades. Outra questão também singular era o índice de escolaridade e de desemprego. Os moradores do morro do Fubá eram mais escolarizados e possuíam um índice maior de adultos chefes de família que concluíram o ensino médio e o menor índice de desempregados.¹⁵

Tal realidade também infere nas estratégias do setor público de construção de um escopo voltado para as necessidades encontradas em cada comunidade. No âmbito deste projeto não seria construído nenhum tipo de habitação, o que dificultava o desenvolvimento das propostas por sobre as áreas já ocupadas pelos moradores, uma vez que as remoções não teriam uma reparação equivalente no mesmo território. A proposta elaborada por Jorge Mário Jáuregui buscava articular os novos espaços criados depois da exploração da encosta instável, bem como outros vazios urbanos existentes na comunidade.

15 Censo demográfico IBGE: 1991: resultados do universo relativos as características da população e dos domicílios.

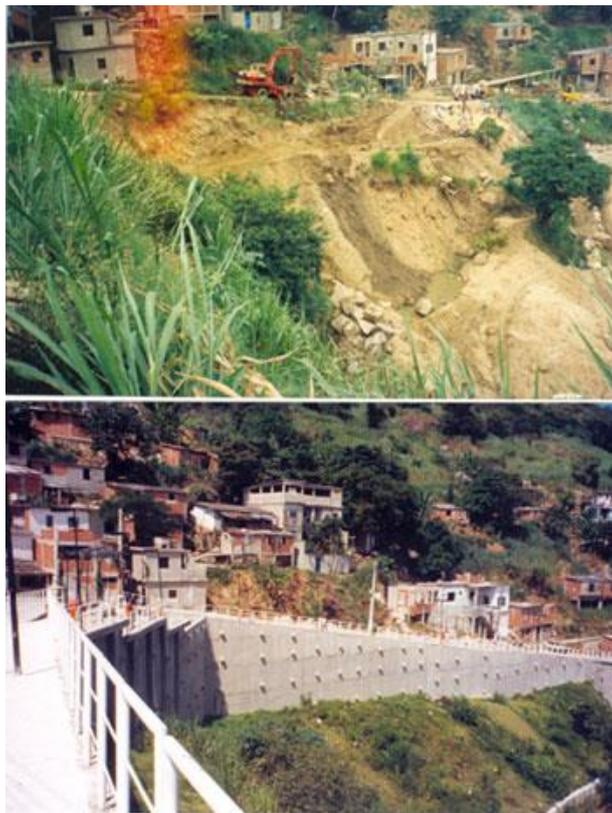


Figura 3: Antes e depois do acesso principal do morro do Fubá. @telier metropolitano, 1999

Outra estratégia bem clara nas diretrizes do projeto era a da reconfiguração do espaço da favela na perspectiva do ‘bairro’ que, no entendimento das forças públicas, configurava-se pela presença de serviços básicos, como água e saneamento básico, bem como a pavimentação e alargamento das ruas, criação de calçadas e todas as medidas possíveis e necessárias para se criar uma melhor acessibilidade ao interior das comunidades. Nos seus primeiros esquemas, Jáuregui reconhece as centralidades próximas e internas ao bairro, criando uma primeira leitura de fluxo. Depois, lança mão de um diagrama mais minucioso onde reconhece preexistências, espaços ociosos e potencialidades; por último, articula seu projeto com as linhas de tensão reconhecidas no plano diagramático estipulando novas centralidades e/ou reafirmando as já existentes.

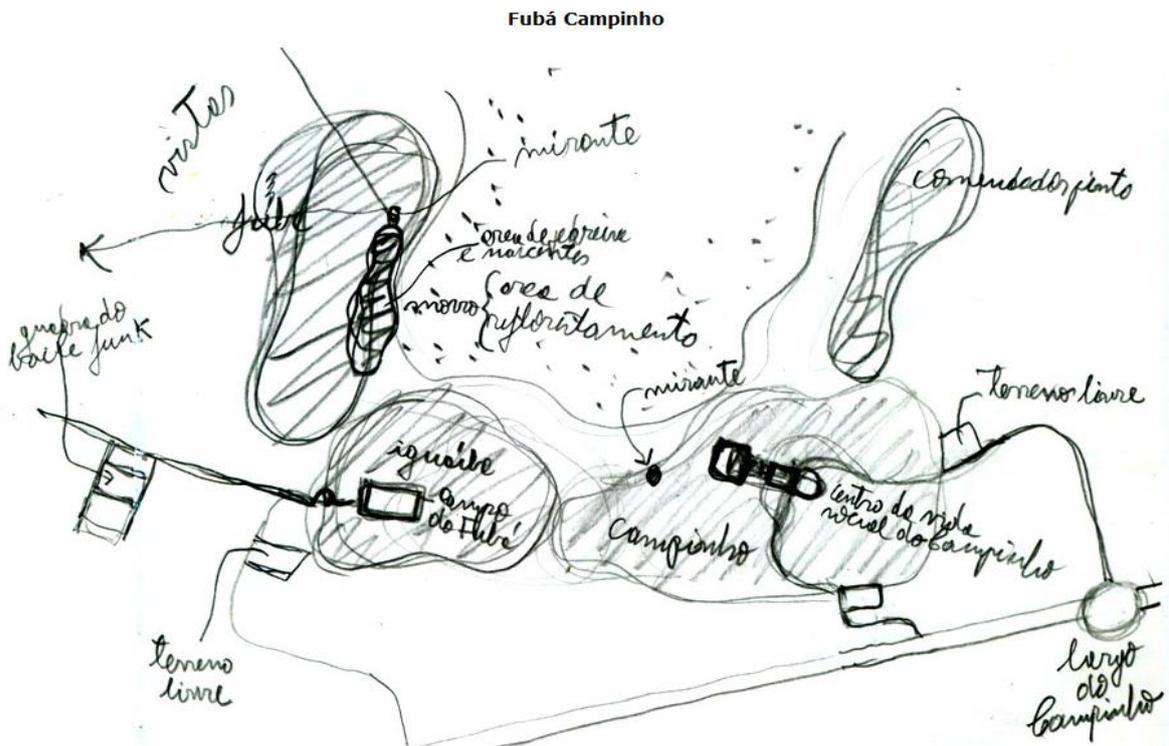


Figura 4: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Diagrama de Leitura do Lugar Fubá-Campinho.

A proposta é compacta: um campo de futebol, indispensável em qualquer área de lazer no Brasil; a sede de uma empresa de coleta de lixo já instalada na comunidade; uma creche; um centro esportivo e uma pequena praça. Esta intervenção não se afasta do padrão de reformas proporcionadas pelo programa de urbanização de Favelas. As ruas foram asfaltadas, escadarias construídas e uma grande rampa foi refeita de forma a facilitar o acesso ao topo do morro. Nesta dinâmica, ele se utiliza de espaços ociosos na comunidade para conseguir interceder na malha densa da favela com a mínima intervenção possível nas habitações existentes. Num universo de remoções para requalificação, Jáuregui consegue, em Fubá-Campinho, uma proposta de grande modificação territorial que não contou com nenhuma remoção de moradores. Este feito só foi possível pela abordagem do arquiteto na busca de espaços potenciais.

Partindo do acesso principal feito pela Cândido Mendes, a rampa projetada por Jáuregui percorre a curva construída pelas interferências no terreno. Grande parte do projeto se concentra já no início da subida à comunidade, onde um arco marca a entrada do centro esportivo e a sede da associação de catadores de lixo da comunidade. Dentro do centro esportivo, foi implantada uma grande quadra com grama sintética e uma quadra menor poliesportiva; para assessorar esses espaços, faz parte do projeto original também uma cobertura em concreto para espectadores da quadra maior, uma pequena cantina construída em anexo e um depósito de materiais.



Figura 5: Visão aérea Fubá-Campinho, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2002.

Jáuregui articula os volumes com a topografia criada no terreno, interligando os espaços com rampas e escadas; na parte mais baixa, logo na entrada do centro esportivo, dispõe blocos coloridos de formas geométricas não simétricas em articulação com os desníveis e o próprio projeto. Dessa articulação não perpendicular entre cheios de diferentes cotas, surge a disposição de vazios ocupados por canteiros e bancos como pequenas áreas de estar, articulados com a quadra menor e os espaços de recreação construídos perto das construções existentes.

Por toda subida da rampa projetada, a calçada possui largura suficiente para se parar sem atrapalhar a passagem. Esta característica se emancipa pela sua articulação com a perspectiva da cidade, fazendo da parte mais alta da rampa uma zona de estar, com bancos e canteiros de concreto com vista para o projeto construído e para grande parte da zona norte. A articulação com a topografia criada também permite a articulação dos fluxos internos, que encontram, na rampa, rua mais larga, o eixo central de circulação da favela.



Figura 6: Visão superior da rampa de acesso à Fubá-Campinho, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2002

O projeto também articula a perspectiva interna no deslocamento por entre a malha tortuosa da favela, fazendo dos prédios recuperados e/ou construídos marcos de orientação de fluxo, que ajudam o deslocamento ao mesmo tempo em que constroem o ambiente projetado de maneira articulada, englobando diferentes pontos da comunidade correlacionadas não só pelo fluxo, mas também pela visão do observador. Depois da curva maior da rampa de acesso,



Figura 7: Visão aérea da escola, centro cívico e praça construídos no topo da comunidade Fubá-Campinho, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2002

o projeto cria, no cume do morro, uma praça, uma escola de ensino fundamental e o centro da associação de moradores.

Neste ponto, a perspectiva da cidade não é mais visível por conta da densidade das moradias no entorno deste pequeno centro criado no topo da favela. Ao redor da praça, o

arquiteto articulou duas escadarias que dão acesso à parte baixa do morro, criando mais uma forma de acesso dos pedestres ao topo da comunidade. A escola, em amarelo, foi construída na frente de um campo de futebol já existente, que ganhou vestiários construídos entre a escola e a sede da associação dos moradores. Por ali, pode-se circular ao redor deste pequeno centro por pequenas ruas pavimentadas. De lá, também saem as ruas de descida para o outro lado do morro do Fubá, também reformadas durante as intervenções projetadas pelo arquiteto.

A descida para o lado posterior, voltada para o bairro de Cascadura, é mais densamente construída do que a do lado voltada para o Campinho. Isto se deve particularmente ao processo de ocupação da comunidade, que teve início pelas ruas de Cascadura, bairro antigo da zona norte carioca. A descida por este lado também mereceu atenção no projeto original, no entanto, a quantidade de residências e a falta de espaços livres para a construção reduziram a intervenção nesta parte da comunidade a uma creche, construída ao lado de um campo de futebol que já existia ali.



Figura 8: Perspectiva do telhado da escola, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2002

Descendo de volta ao asfalto, do lado voltado para Cascadura, pode-se ver com mais clareza a perspectiva de articulação interna construída pelo telhado da escola colocada no topo da favela. Por entre as ruas asfaltadas, Jáuregui introduziu novas escadarias para o acesso ao conjunto construído do outro lado do morro, reforçando as ruas da comunidade. A creche, por sua vez, também construída num vazio existente na comunidade, articula-se com as formas mais expressivas, como feito também na escola. Aqui, o arquiteto construiu pequenos degraus que servem tanto de arquibancada para os jogos na quadra quanto de acesso ao prédio da creche.



Figura 9: Visão aérea da creche comunitária, Fubá-Campinho, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 2002

A creche é o último grande projeto na comunidade, que continua com ruas asfaltadas e escadarias novas até alcançar o asfalto novamente. Jáuregui propôs um projeto disposto num percurso criado pelo trabalho topológico da comunidade, articulando, nos espaços vazios, as intervenções de maior porte. Ele também demonstra alguma preocupação com as preexistências e em unir suas propostas à realidade da favela, tentando criar um

pertencimento. Com base nas análises do projeto apresentadas neste capítulo, serão conduzidas as próximas páginas.

3. Volumes Coloridos na ladeira - Análise do Projeto Fubá-Campinho

“Eis aqui “conjuntos” sem adolescentes, sem pessoas idosas. Eis aqui mulheres sonolentas enquanto os homens vão trabalhar longe e voltam extenuados. Eis os setores pavilionistas que formam um microcosmos e que no entanto permanecem urbanos porque dependem dos centros de decisão e porque cada lar tem uma televisão. Eis uma vida cotidiana bem decupada em fragmentos: trabalho, transporte, vida privada, lazeres.”

(Henri Lefebvre, *O Direito à Cidade*, p.101, 1968)

A epígrafe que abre esta análise faz parte do capítulo ‘Análise Espectral’ do livro ‘O Direito à Cidade, de Henri Lefebvre. Originalmente publicado em 1968, correlaciona a luta de classes com o direito à cidade, articulando, numa disputa de poderes, o convívio segregado dos trabalhadores no processo de expulsão dos grandes centros e realocação em grandes pavilhões multifamiliares (daí o termo pavilionistas). A relação com a situação analisada por este trabalho não é de igualdade, mas de fortes semelhanças. Lefebvre aponta em seu livro, como colocado no primeiro capítulo deste trabalho, um apagamento do pertencimento à cidade em detrimento de lugares para morar, o *habitat burocrático*¹⁶ dos grandes conjuntos habitacionais isolados da malha urbana.

A favela, no entanto, não está sempre fora dos centros, mas ainda se encontram à margem de todo esse processo de integração urbana, impossibilitada de possuir memória, segregada de circular livremente pela cidade, proibida de pertencer ao plano urbano. Nesta premissa, voltamos à crítica construída sobre o Favela-Bairro e suas repercussões e nos atentamos à realidade relacional da obra de Jorge Mário Jáuregui. O arquiteto, em seu discurso, advoga por um olhar multidisciplinar sobre o território urbano, de forma a conseguir

¹⁶ Cf. LEFEBVRE, 2016, p. 31.

uma “aproximação à questão urbana embebida de um espírito democrático, sensível às dissonâncias e à diversidade”¹⁷. Jáuregui pretende, por meio de seus projetos, tencionar o limite do formal e informal num esforço de inclusão das partes periféricas no contexto urbano do asfalto.

Orientando-nos por Heidegger (1951), todo espaço construído tem como finalidade o *habitar*, sendo este *habitar* o lugar das relações. Cabe, portanto, ao arquiteto proporcionar as relações no ambiente construído. Para tanto, Jáuregui adota uma leitura muito mais aproximada do local e de sua singularidade, criando relações de permanência e passagem, requalificando espaços já reconhecidos pela comunidade como sendo de lazer; mas ainda com o pensamento da inserção deste lugar na malha urbana da cidade.

Antes de tratar dos aspectos do projeto, devemos nos atentar à construção da metodologia do arquiteto. Não havia, na época, o desenvolvimento de uma metodologia para a atuação de cada arquiteto. Cabia tão somente aos escritórios competentes pela obra a criação de um método que viabilizasse o projeto e a leitura do lugar. Havia, no entanto, um questionário feito pela prefeitura construído por uma equipe multidisciplinar que se propunha a ser a primeira relação entre as demandas dos habitantes e os arquitetos vencedores do concurso.

Na realidade, esses relatórios serviram como uma análise primeira das disposições gerais da comunidade, numa tentativa de criar um material que servisse de plataforma básica para as propostas de cada arquiteto. Havia também um escopo básico já fornecido pela prefeitura, que, segundo dados do IBGE, fazia um levantamento prévio dos principais parâmetros demográficos das comunidades que seriam contempladas com um projeto de urbanização. A maior parte destes relatórios competiam a assuntos como idade, sexo,

¹⁷JÁUREGUI, Jorge Mário, *Arquitextos*, Vitruvius, 2002a

quantidade de pessoas na família; seguidos por uma lista de interesses pessoais de cada morador e o que eles queriam para a comunidade.

Neste ponto, pode-se perceber que a sistematização das informações por parte do poder público carecia de um grande trabalho de coleta de dados para servirem, de fato, como norteadores de qualquer tipo de intervenção futura. Porém, o desenvolvimento do Favela-Bairro, depois sua continuação no Morar Carioca e os relatórios de análise do lugar feitos no PAC, demonstram que essas tabelas seriam o ponto precursor de um movimento de exploração do território através de sensores específicos para intervenções urbanas que culminou no livro lançado anos mais tarde sobre a intervenção no Complexo do Alemão.

Mais uma vez em entrevista, Jáuregui relembra que trabalhavam em grupos multidisciplinares, mas que não havia, neste início das intervenções, nenhuma sistematização das informações de cada comunidade. Os arquitetos tiveram sim acesso aos questionários¹⁸ respondidos pela população, mas não foram, nem de perto, o suficiente para ser o iniciador das questões que deveriam ser abordadas por eles nos seus projetos. Antes de avançarmos, é necessário fazer mais um adendo quanto a metodologia implantada pelo programa bem como as instruções passadas aos arquitetos durante as suas intervenções. Faz parte da nossa realidade, buscar processos cognitivos que nos ajudem a ler a realidade. Busca-se conhecer processos para se chegar ao fato em si e, por vezes, uma vez compreendido este processo, acredita-se ter encontrado a chave de todos os processos semelhantes a esse. Ou, nas palavras

¹⁸ Os arquitetos tiveram acesso aos formulários e aos resultados do levantamento de dados. No entanto, por se tratarem de documentos físicos e pelas informações não terem sido concatenadas, não existe hoje nenhuma documentação que disponibilize os dados levantados. Mesmo em contato com a secretaria de urbanismo, responsável pelas obras, nenhuma informação foi levantada e acredita-se que os formulários tenham se perdido quando foram transferidos para o depósito de documentação da prefeitura.

de Lefebvre, vemos a coerência como valor organizador, uma marca da atuação eficaz num determinado cenário.¹⁹

No quando destes projetos, não havia nenhuma literatura que tratasse de intervenções na periferia urbana favelizada e, mais ainda, na difícil realidade das favelas cariocas. Jáuregui, em entrevista²⁰, afirma que, mesmo com suas experiências adquiridas nos seus trabalhos na periferia de Buenos Aires, nada o havia preparado para o trabalho que realizou nas favelas cariocas. Afirma que aprendeu fazendo, como todos os arquitetos da época. O arquiteto Paulo Casé (responsável pelo projeto do favela-Bairro Mangueira), também afirma em entrevista²¹ à página Vitruvius, que a primeira intervenção urbana nas favelas foi um grande aprendizado para todos os arquitetos envolvidos.

Não quer dizer, no entanto, que os projetos desenvolvidos no âmbito do programa Favela-Bairro não tenham sido meticulosamente pensados. Advogo, na verdade, que, na busca de uma resposta que julgamos conhecer (pois trazemos uma memória de processo arquitetônico), deixamos escapar os métodos não tão sistemáticos que foram criados pelos arquitetos para a elaboração de seus projetos. No caso de Jáuregui, a **adoção do diagrama**.

Partamos então para o processo adotado por Jorge Mário Jáuregui na sua busca de compreender e intervir num plano não explorado. Partindo de um breve histórico, pode-se facilmente perceber que não se trata de um método inovador, mas que está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da arquitetura no tempo desde a antiguidade clássica. Como produção de imagens que concatenassem grandes parcelas do mundo, os diagramas ganham popularidade nos desdobramentos geométricos do pensamento racionalizado. Pode-se falar

¹⁹ Cf. LEFEBVRE, Ibid., p. 103.

²⁰ Entrevista concedida ao autor, Igor Dias, em 10/10/18. Ver anexo..

²¹ BARBOSA, A. Entrevista com o arquiteto Paulo Casé. Vitruvius, 2012

dos diagramas que tratavam dos parâmetros humanos, ou dos esquemas geométricos utilizados na construção de pan-ópticos, hospitais e escolas.

O diagrama é, nas palavras de Montaner (2017), o menor elemento gráfico capaz de representar uma ideia em andamento, que serve para articular pensamentos originários num instrumento “pré-arquitetônico”²². Os diagramas de Jáuregui são as primeiras impressões do território, numa busca por pontos de articulação e possíveis desconexões que possam ser trabalhadas com o projeto. Jáuregui diz construir “diagramas topológicos”, que “mostram condições de acesso, centralidades, lugares de encontro” numa interpretação-proposição que diz mais sobre a relação entre as “partes” do que das dimensões e tamanhos²³. Em seu primeiro diagrama para Fubá-Campinho, Jáuregui abstrai quase que totalmente a malha urbana original e se atém nas conexões que devem, na opinião do arquiteto, ser mantidas.

²² MONTANER, 2017, p.23

²³ Entrevista concedida ao autor, Igor Dias, em 10/10/18. Ver anexo..

Fubá Campinho

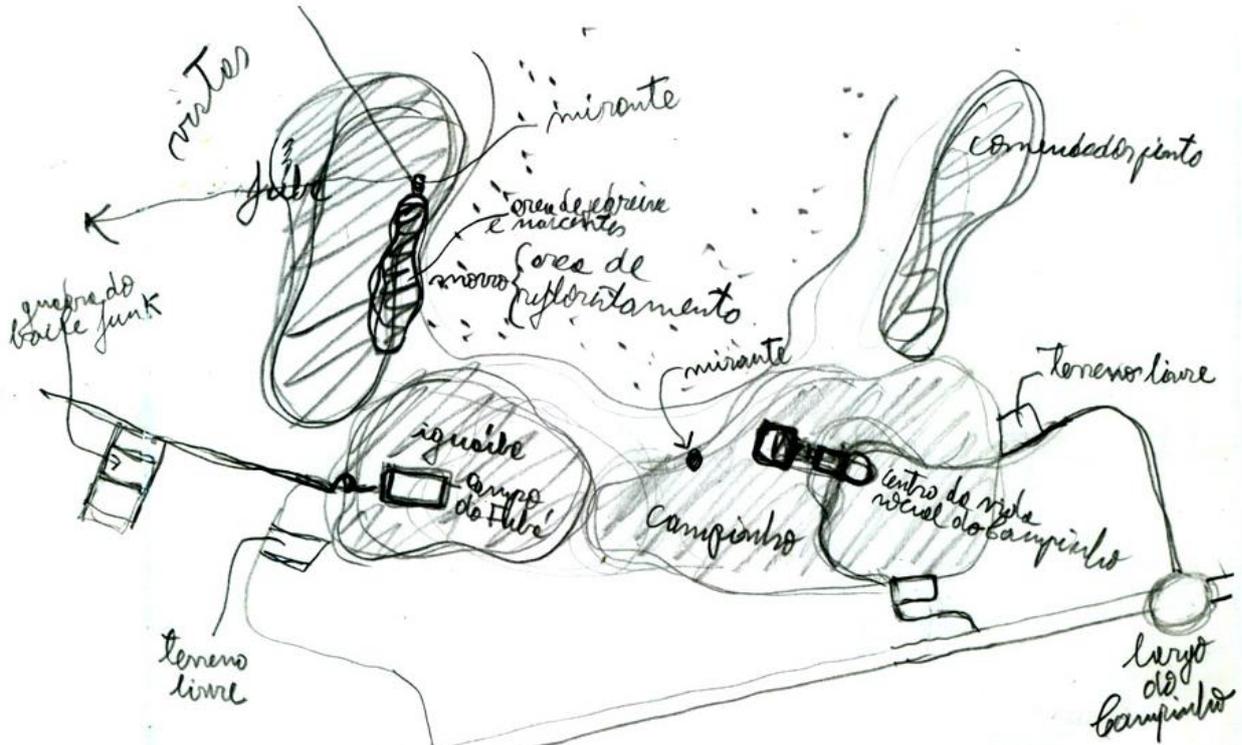


Figura 10: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Diagrama de Leitura do Lugar Fubá-Campinho.

A liberdade do traço independente da malha preexistente se relaciona com a tentativa topológica do arquiteto de criar articulações entre as partes sem se preocupar, neste momento, nas dimensões de cada zoneamento. São reconhecíveis no diagrama os campos de futebol que foram incorporados no projeto bem como as zonas de influência de cada pequena centralidade interna das comunidades, essas representadas por formas ameboides hachuradas. Já neste primeiro momento, Jáuregui começa a articular os terrenos livres nas duas comunidades com pequenos retângulos brancos, incorporados às amebas por linhas de fluxo que representam as principais vias da favela.

Nas bordas do desenho, o arquiteto se utiliza de setas e escreve os nomes das principais vias de acesso e as zonas de influência destas também são destacadas por manchas, como no canto superior direito, onde a rua Comendador Pinto aparece como uma importante zona de influência territorial. Também na periferia do desenho, algumas poucas articulações

com a malha urbana externa à comunidade para a orientação dos próximos desenhos que tratarão dos fluxos em proposições mais aproximadas.

Jáuregui se refere a este diagrama como 'leitura do lugar', onde buscar uma primeira interpretação do espaço, mas não podemos deixar de frisar que todo desenho carrega em si as vontades e desejos de quem os desenha, ou seja, não são meros retratos de uma realidade, mas uma primeira articulação do repertório projetual do arquiteto com as necessidades que ele vê no lugar. Neste ponto pode-se inferir a importância dos diagnósticos feitos pela prefeitura e da articulação desses com as ideias de cada arquiteto. Embora neste nível de desenvolvimento do programa não se tenha permitido a criação real de um banco de dados, os relatórios serviram para nortear os passos do arquiteto em seus desejos de intervenção.

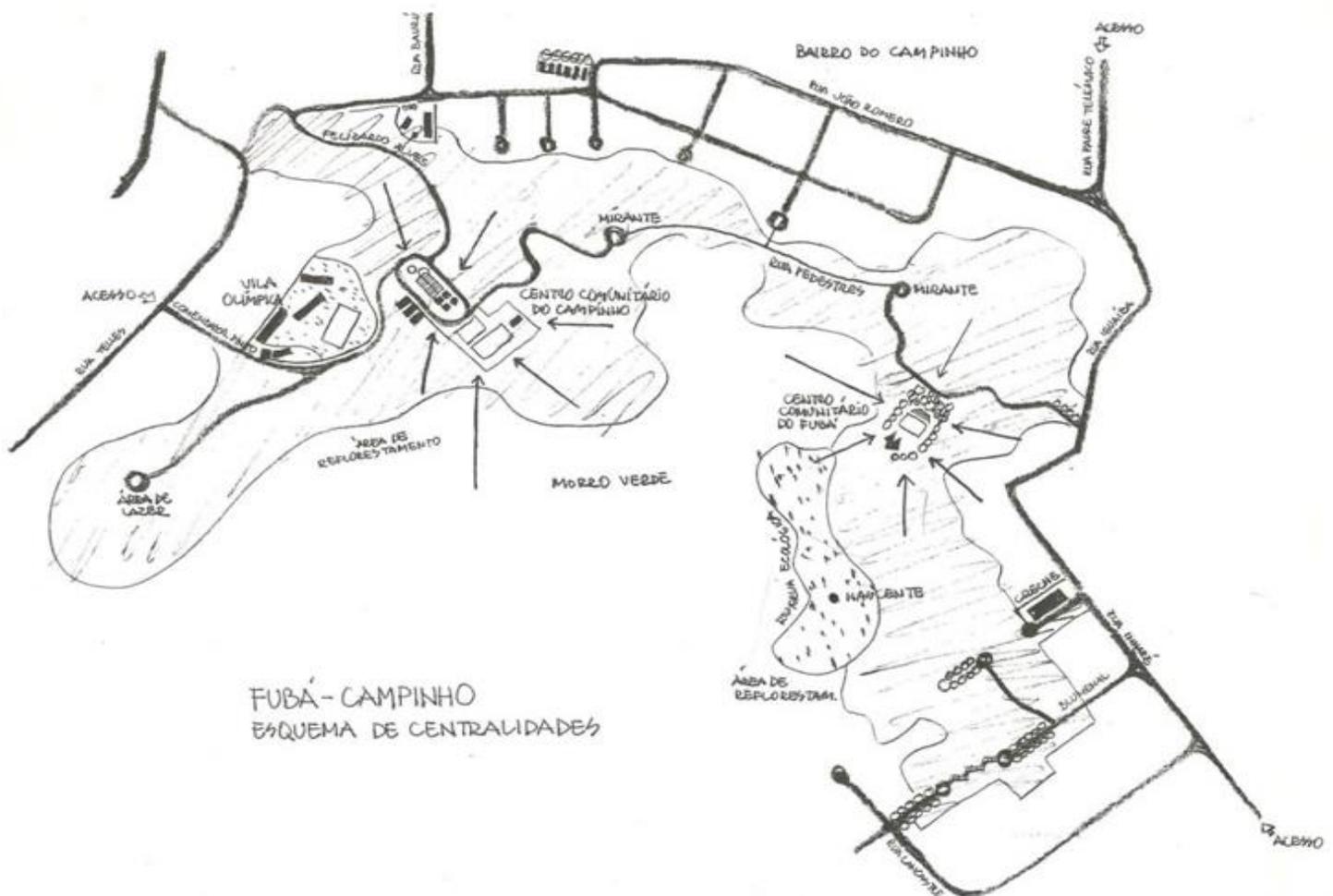


Figura 11: Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999 – Diagrama de Centralidades do Fubá-Campinho.

Antes de passarmos para o próximo diagrama, é necessário reconhecer que a primeira abstração diagramática se relaciona com a vontade de uma emancipação da teoria que “só quando chega ao puramente conceitual [...] se pode fazer um retorno para o real”²⁴. Nesta passagem, Berenstein defende um pensamento livre da praticidade, das respostas comumente dadas para resolver problemas urbanos. Ela defende a abstração para poder olhar para o plano das favelas com novos olhos, desnudados das antigas intenções formais’. Em busca deste olhar, Jáuregui articula seu ‘diagrama das centralidades’, onde consegue, pautado nas primeiras análises, inserir a malha urbana, trabalhar os limites da favela e articular melhor os fluxos reconhecidos por ele.

Quanto trata das centralidades, podemos ver que o arquiteto começa a articular o ambiente com o projeto a ser construído. As formas ameboides ganham coesão e se transformam numa grande zona de influência da intervenção que se espelha por entre as diferentes partes do projeto. Das articulações dos vazios, Jáuregui consegue implantar grande parte das novas construções em espaços subutilizados ou que, em função da não estruturação



Figura 12: Espaço de construção da Creche comunitária. Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999

²⁴ BERENSTEIN, Paola, 2011, pg. 19

do lugar, eram inabitáveis, como é o caso do centro de esportes, que tomou lugar de uma grande encosta instável, ou da creche que ocupou um grande lote abandonado.

Neste diagrama segundo, Jáuregui dispõe os fluxos internos com distinção de hierarquia pelo traçado das linhas, enquanto articula os nós desta trama com o desenvolvimento interno da comunidade. Estas disposições oriundas no vazio são, para o arquiteto, um trabalho de reconhecimento de possibilidades num espaço que, por ainda se encontrar em estado bruto, requer do arquiteto um trabalho de construir “esse vazio, de modelar como o oleiro configurando-o como o vaso”²⁵. Ainda nas pistas da fala do arquiteto, os diagramas são instrumentos para garantir a inserção de outras medidas que não as estritamente funcionais, pois eles permitem a interpelação de premissas básicas com os desejos, constroem um plano onde a razão e a vontade podem coexistir.

Conceber um projeto não é uma questão de impor uma ordem, construir uma malha, mas sim trabalhar a “configuração do vazio pelas suas bordas, numa montagem, numa construção, que significa se ocupar de modelar alguma coisa que não é, necessariamente, nem interior nem exterior, senão tão somente uma borda”²⁶. Nesta concepção, Jáuregui busca o rizoma como uma possibilidade de se articular em coerência diferencial, ou seja, permitir uma variação topológica cognitiva que não se articule sempre em oposições, que não opere entre isto e aquilo, ou este ou o outro.

O rizoma permitiria, segundo o autor, a coexistência de uma realidade dual ou até mesmo multifacetada, que, através deste ‘diagramas rizomáticos’, permitiriam a leitura topologia do lugar, aquela, como já dito, que articula as partes entre si em um caráter não hermético, mas maleável e relacionável. Este desejo faz com que Jáuregui opere na busca

²⁵ JÁUREGUI, Jorge, O intangível em psicanálise e arquitetura, Arquitectos, Vitruvius, 2002b.

²⁶ Idem

destas áreas de influência, ora articulando as centralidades existentes, como em Fubá-Campinho. Recorrer à filosofia significa, segundo Jáuregui²⁷, buscar conceitos na área do pensamento que os cria e, depois, articulá-los no campo da arquitetura.

Esta preocupação se materializa em projetos que buscam pertencer as preexistências ao mesmo tempo que cria novas situações relacionais. No entanto, devemos nos atentar para um certo caráter rizomático destas propostas. O rizoma é um sistema aberto, não hierárquico, livre por natureza que não se subordina a ordens de nenhum tipo, neste aspecto, os diagramas de Jáuregui, principalmente este primeiro analisado, menos dimensional e mais relacional, podem ser considerados uma busca por linhas de força e por interstícios, por possíveis vias de infiltração e possibilidade de criação no território da favela.

A favela, bem como a cidade, está dentro de uma ordem de formação rigorosa e que, mesmo que nem sempre evidente, imperam no desenvolvimento da morfologia e das características internas destes espaços. A favela também é um projeto, ou melhor, é o negativo de um projeto. Ela é o reverso do cuidado do poder público para com o asfalto, ela é o lugar à margem, das sobras da malha retilíneas dos bairros nobres. É, nos escritos de Lefebvre (1968) produto do processo de industrialização, onde este processo é indutor e as cidades o induzido²⁸.

É reconhecível o esforço do arquiteto em trabalhar de maneira horizontal e democrática e, partindo dos diagramas, acredito que seja possível articular estas vontades com o projeto implantado, mas não se pode acatar as vontades como reais consequências e, ainda hoje, as favelas carecem de atenção especial do poder público. Precisa de olhos que perpetuem

²⁷ Entrevista concedida ao autor, Igor Dias, em 10/10/18. Ver anexo.

²⁸ Cf. LEFEBVRE, 2016, p. 11.

estes espaços na integridade urbana, como fragmentos constituintes de um todo múltiplo e não homogêneo.

É preciso, no entanto, reconhecer o esforço de Jorge Mario Jáuregui neste trabalho de inclusão que começa nos termos físicos (fácil acesso, orientação interna e permeabilidade), como também em termos sociais e simbólicos como o trabalho com a perspectiva dentro do percurso da favela e atenção das centralidades da cidade externa a malha favelizada e as novas e múltiplas centralidades, focos de intensidade como lugares do coletivo, construídas para estimular a comunidade incorporar o projeto em seu cotidiano.

Optou-se por iniciar esta análise articulando o discurso do arquiteto aos diagramas por serem estes o principal responsável por permitir com que os outros tópicos aconteçam. Já nestes diagramas, pode-se perceber a importância que **a perspectiva da cidade** será tratada pelo arquiteto em sua intervenção quando este reconhece mirantes e visadas na comunidade a serem articulados com lugares de estar. E pode-se ainda, a partir do diagrama de centralidades, perceber que o arquiteto está disposto a tencionar a discussão de centro x borda.

Para tratar não só de aspectos visuais mas também de outros valores do projeto, descreveremos nossa própria experiência de caminhada recente no local. Por motivos de segurança, fui orientado a não tirar fotos de algumas partes da comunidade, principalmente aquelas onde o poder paralelo estabelece suas bases. Portanto, buscarei apresentar através do texto as disposições encontradas na visita para continuar com a análise do projeto de Jáuregui.

Como já dito, o morro do Fubá possui dois acessos principais; hoje, ao utilizar o acesso do bairro do Campinho, encontra-se o portal que marca a entrada do centro esportivo - atualmente fechado com um portão de ferro. Passaremos pelo centro esportivo mais tarde, sigamos pela rampa principal até encontrar a antiga sede dos catadores de lixo reformada pelo arquiteto. A ponta do telhado projetado por Jáuregui serve como marco do projeto, orientando

o pedestre pela curva inicial que encobre a rampa de acesso. O prédio reformado, pintado com cores fortes, ensina o caminho de deslocamento, como uma torre guia, um farol urbano.



Figura 13: Antes e depois da sede da empresa de reciclagem, Fubá-Campinho, Jorge Mario JÁUREGUI, @telier Metropolitano, Rio de Janeiro, 1999.

Atualmente, a antiga sede abriga uma biblioteca pública fechada por falta de verba. O prédio foi pintado de azul, recebeu grade nas janelas, mas mantém a mesma forma projetada por Jáuregui. Passando Deste ponto, é possível ver toda a curva maior da rampa de acesso e a vista para a cidade. O Acesso ao projeto representa um cuidado com o percurso do visitante. No momento de entrada, o arco de tijolos indica o começo da comunidade, em seguida, o prédio da atual biblioteca orienta o movimento do pedestre pela malha labiríntica da favela.

Paola Berenstein (2001) reconhece que o labirinto é imagem recorrente nas análises sobre as favelas. O universo que se fecha atrás de cada curva tende a ser um impedimento ao visitante externo, pois “como não há sinalização, placas, nomes ou números, qualquer pessoa de fora se perde facilmente”. Para a localização dos indivíduos nesta malha “é preciso um guia (um avelado), ou um mapa”²⁹. Jáuregui articula com os pontos de referência de forma a

²⁹ BERENSTEIN, Paola, 2011, pg. 69

tornar o percurso legível pelo pedestre. A arquitetura de Jáuregui se propõe a ser fio de Ariadne para o labirinto das ruas curvas.

Na transposição da barreira virtual entre morro e asfalto, pouco se tem de relacional entre os dois lados. Nada parece integrar visualmente os dois lugares nem “convidar” ao passante a conhecer outro caminho. Normalmente se evita a periferia, continuando no plano enquanto na favela, “nunca andamos em linha reta [...] sempre estamos num plano inclinado”³⁰. Esta transposição precisa ser vencida e, para conseguir, é necessária alguma força de que nos atraia, algum magnetismo que nos conduza. Para Jáuregui, o imã é a arquitetura e a força de atração é a linguagem.

Lynch em seu livro *a Imagem da Cidade* (1997), lembra que dificilmente alguém se perde na cidade moderna. A nossa orientação, segue ele, está relacionada com a imagem ambiental, “com o quadro mental generalizado do mundo físico exterior”³¹. Este processo se relaciona, ainda em Lynch, com a memória que possuímos da cidade e dos padrões de assimilação da malha urbana. Não está em nossa memória nenhuma imagem que facilite a movimentação pelas vielas das favelas, nossa orientação se baseia nos planos retilíneos das cidades modernas.

Jáuregui decide, então, propor que esses caminhos se cruzem, articula o entendimento referencial comum na cidade plana e o aplica na cidade favelizada. Esta apropriação de um dispositivo dito formal num cenário de leituras múltiplas é fortemente criticada por Paola Berenstain que afirma que “os arquitetos passaram a intervir nas favelas existentes visando transformá-las em bairros, a lógica racional dos arquitetos e urbanistas”³². No entanto, as propostas de Jáuregui não são somente uma cópia das propostas formais, elas reconhecem que o caráter de localização como premissa básica da redemocratização dos

³⁰ BERENSTEIN, Paola, 2011, pg. 70

³¹ LYNCH, Kevin, 1997, pg. 4

³² BERENSTEIN, Paola, 2011, pg. 18

espaços periféricos. Outro aspecto é que, em suas intervenções, o arquiteto busca os marcos referenciais em articulação com a forma da favela, respeitando seus contrastes e dialogando com seus espaços, mas marcando a existência de um outro projeto, formulado numa outra lógica que não a do imediatismo das favelas.



Figura 14: Marco de início do centro de esportes visto de dentro, Fubá-Campinho, 2018

A permeabilidade pela leitura da cidade proporciona mais do que a simples orientação, elas “não oferecem somente segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana”³³. Uma vez garantido um ambiente de plena articulação humana, pode-se trabalhar em orientação ao convívio, ao *habitar* relacional, a partir do vivido conforme Heidegger, mas e trazido para a discussão do direito à cidade com Lefebvre. Se esta leitura e articulação da linguagem arquitetônica diz sobre o deslocamento interno, pode-se dizer o mesmo das perspectivas externas das comunidades.

No topo da curva da rampa de acesso, um lugar de permanência constituído por bancos e canteiros sombreados por árvores marcam a vista de toda a zona norte possível

³³ LYNCH, Kevin, 1997, pg. 5

somente a partir da comunidade. A perspectiva criada por Jáuregui já fazia parte dos seus diagramas quando o arquiteto marca com um cone de visão as vistas que pretende articular com o projeto (ver imagem 10). Assim que cheguei, fui atraído para lá, o mesmo deve acontecer com os moradores, pois estava cheio de pessoas conversando, crianças brincando e senhores jogando dama.



Figura 14: Perspectiva do topo da comunidade, Fubá-Campinho, 2018

Quando Jáuregui proporciona a vista da cidade para os moradores da periferia, ele desnuda uma cidade que historicamente exclui de seu convívio o corpo periférico. Lynch vai nos lembrar que o *Alcance Visual*, qualidades que aumentam o campo de visão, “facilitam a apreensão de um todo, vasto e complexo”³⁴. A perspectiva da cidade significa a assimilação,

³⁴ LYNCH, Kevin, 1997, pg. 119

consciente ou inconscientemente, por parte dos moradores, do pertencimento deles nesta cidade heterogênea.

Ainda falando da perspectiva, pode-se inferir na importância do reconhecimento dos signos pela própria comunidade. Lefebvre propõe que cidade é a projeção da sociedade num local³⁵. Uma vez excluídas da perspectiva urbana, os habitantes da favela se definem como não membros desta sociedade que corporifica pelas linhas urbanas divisão de centro e bordas. As pessoas se reconhecem entre si, mas principalmente “se representam a si mesmas através daquilo que lhes falta”³⁶. O periférico se reconhece em outro periférico por ver neste alguém suprimido das mesmas coisas que si próprio.

A perspectiva, é, portanto, uma maneira de oficializar o pertencimento ao todo coletivo, mesmo que muitas outras ligações sejam faltantes. A interação do homem com seu entorno, próximo e distante, é condição *sine qua non* para se estabelecer um habitar que se promove para além das paredes das casas, transpassando o aglomerado de casas e alcançando a cidade, lugar de relações e experiências.

A construção desta perspectiva interna e externa ‘a favela não quer dizer, no entanto, que todos os problemas de permeabilidade urbana tenham sido resolvidos. A movimentação pendular existente nas periferias urbanas é também um aspecto de grande importância nos desdobramentos dos projetos em favela. A articulação dos espaços vazios com o projetado foi evidenciada por Jáuregui como ponto importante de suas abordagens projetuais³⁷. Neste projeto, em especial, a descoberta de espaços para dar lugar às construções foi essencial para um projeto sem remoções.

³⁵ Cf. LEFEBVRE, 2016, p. 62.

³⁶ Cf. LEFEBVRE, 2016, p. 27.

³⁷ Ver entrevista de 10/10/18 em anexo

Voltemos, portanto, ao grande vazio explorado pelo arquiteto com a implantação do centro esportivo. A visita evidenciou que a ocupação desta parte do projeto não ocorreu como prevista pela prefeitura nem pelo arquiteto. A companhia de coleta de lixo da comunidade nunca se instalou lá. O projeto foi cedido para a Pastoral do Menor que utiliza as dependências projetas por Jáuregui para oferecer aulas de diferentes esportes, cursos de informática e aulas de dança e capoeira para a comunidade.

Mesmo nesta nova perspectiva, o projeto de Jáuregui serve ao intuito original que era o de server à comunidade. Quase todas as crianças atendidas pelas Pastoral são da própria comunidade e o restante mora nos bairros vizinhos. Durante a visita, pude ver que crianças corriam livremente pelos espaços entre os blocos e, na quadra superior, professores de educação física jogavam com seus alunos. Historicamente, as comunidades carentes precisavam sair de seus lugares de moradia para conseguir ter qualquer divertimento. Nas favelas, o lazer era representado pelo campo de futebol.



Figura 15: Refeitório do complexo esportivo. Fubá-Campinho, 2018

Ao inserir uma creche e uma escola, escolha que não foi do arquiteto mas sim da prefeitura, Jáuregui escolhe incorporar esses ambientes com as áreas de lazer da comunidade e, para estas, cria vestiários e banheiros coletivos, incentivando a apropriação das áreas públicas, reforçando os espaços coletivos. Nesse momento, as favelas deixam de ser um conjunto de casas aglomeradas que se enchem todas as noites para esvaziarem-se na próxima manhã. Elas passam a ser o conjunto complexo do habitar, onde se mora, trabalha e joga.

Na dinâmica da cidade capitalista criticada por Lefebvre, a cidade é uma “obra” que tem seu “valor de uso” diminuído ao passo que se aumenta o seu “valor de troca”, ou seja, perdem seu valor relacional para ganharem valor de produto, de mercadoria. O autor, nesta premissa, elabora a existência de um espaço de consumo que não tem como a finalidade a produção. Significa, diretamente falando, de espaços para o divertimento, o convívio, a troca; espaços que não se relacionem com o valor do produto, de troca, mas sim com o valor de uso (que consome improdutivamente).

Estes espaços são intitulados pelo próprio Lefebvre como “espaços para festa” e Jáuregui, por sua vez, em entrevista, diz da construção destes espaços de troca, lugares onde é possível trocar com diferentes classes. Espaços onde “Teria trabalho, educação, cultura, diversão. Ou seja, esses elementos funcionam como elementos de construção da sociedade. Primeiro o trabalho, depois o esporte e por último o divertimento, o baile, a festa.”³⁸

A construção destes espaços fala da articulação com a borda, forçando a centralidade habitual das cidades, pulverizando as oportunidades de divertimento e intercâmbio pessoal. Berenstein vai afirmar a dificuldade dos arquitetos em trabalhar com as bordas e limites, uma condição do urbanismo moderno que ela chama de “caos-limite”³⁹. Nesta perspectiva, Jáuregui se lança num movimento que pretende descentralizar os usos na cidade, trazendo

³⁸ Cf. entrevista concedida em 10/10/18 em anexo. Pg,55

³⁹ BERENSTEIN, Paola, 2011, pg. 18

para dentro das comunidades o lazer, a permanência; mas, ao mesmo tempo, articula a periferia com o centro, não a fechando em si mesma, criando um espaço onde o morador periférico não precise sair para nada.

A equação é complexa: se aumentasse os atributos relacionais das favelas e não se investe em equipamentos de lazer para as comunidades, impera a lei do movimento pendular, transformando a favela em um depósito de corpos cansados que voltam para dormir e saem para todo o resto. Por sua vez, se o investimento está na criação de uma superquadra favelizada, proíbe-se, mesmo quando esta não é a intenção, o livre acesso aos outros polos da cidade, fortalecendo o aspecto de ‘gueto’ das comunidades.

Jáuregui se lança à explorar esta linha tênue. Articula os moradores com a facilitação dos acessos, mas cria objetos de lazer para a comunidade. Talvez a grande inspiração neste projeto tenha sido reconhecer um percurso por entre essas centralidades (ver imagem 11), articulando sempre interna e externamente, numa tentativa de fortalecer as duas relações sem abrir mão de nada.



Figura 16: Quadra superior do centro esportivo. Fubá-Campinho, 2018

Conclusões

Entre os questionamentos iniciais desta pesquisa estavam procurar saber como o trabalho de Jorge Mário Jáuregui se posicionava, aliado ao seu método e discurso, em busca de uma construção de cidade mais justa e que conseguisse romper, ou que ao menos tentasse romper, os limites político-econômicos invisíveis que separam as bordas dos centros urbanos. Depois da pesquisa feita e das análises apresentadas nestas folhas, algumas formas de articulação emergiram, mas tantas outras ainda ficaram para se descobrir. Esta aparente infinidade de desdobramentos é também parte da conclusão deste trabalho.

A disposição das cidades modernas e das suas relações interpessoais são objetos verdadeiramente complexos. Ao começar esta pesquisa, numa tentativa de englobar neste trabalho várias perspectivas de uma realidade diversa, encontrou-se a limitação primária de todo trabalho: o tempo. Fubá-Campinho é um projeto de pequeno porte quando analisado na escala urbana. No entanto, as análises deste trabalho possuem uma grande quantidade de variações, o que dificulta a leitura total do objeto.

Esta vontade de leitura geral também foi questionada por mim ao longo do projeto e, junto da bibliografia, pude perceber que seguia procurando padrões e replicações da lógica da cidade que eu já conhecia. Este procedimento também aconteceu com o arquiteto quando se deparou com a favela; mas Jáuregui adotou o diagrama para conseguir se aproximar deste novo cenário e eu, enquanto pesquisador, precisei entender esta nova dinâmica.

Percebemos, agora, depois de toda análise escrita, que é necessário bastante força para conseguir articular uma realidade que ainda se ignorava. Neste aspecto, os diagramas de Jáuregui são a prova da tentativa de reformulação do pensamento do arquiteto para conseguir capturar a dinâmica das favelas. O arquiteto articula suas vontades e desejos projetuais com as demandas primárias encontradas no lugar. Desta junção, emerge um projeto que pretende

articular diferentes pontos, caros à Jáuregui, que seriam reescritos em linguagem arquitetônica no morro do Fubá.

Os interesses reconhecidos no projeto (centralidade, perspectiva e diagrama), versam por uma parte das articulações possíveis nas intervenções periféricas. Entendeu-se que não se trata da resposta, mas uma resposta, ou ainda, uma das respostas possíveis. Jáuregui articula a linguagem da arquitetura com orientações e formas comuns na cidade plana, mas não cai na armadilha de “alisar” o “emaranhado” da favela; ele busca situar nesta nova topografia aquilo que ele aprendeu no asfalto, mas que se pode usufruir também dentro da comunidade.

A intervenções de Jáuregui não se escondem, pelo contrário, são blocos multiformes com cores vivas, telhados pontudos e torres verticalizadas, são marcos visuais trazidos dos obeliscos, dos monumentos, da “festa”⁴⁰. Quando se pretende dialogar com a cidade plana, Jáuregui tenciona os limites da comunidade. Constrói um percurso que cruza todo o projeto, religando a favela aos bairros vizinhos. Do topo da comunidade, proporciona a visibilidade de toda a zona norte, numa tentativa de incorporar estes dois mundos num mesmo olhar.

Pode-se perceber, depois da visita, que muito do caráter buscado por Jáuregui em suas articulações com o vazio se perpetuaram. As crianças jogam bola nos campos, as mães aguardam os filhos nos bancos da praça, senhores jogam damas olhando a linha do trem por cima. Mesmo com toda a intervenção do poder paralelo, que dificultou esta pesquisa em alguns momentos, os habitantes continuam se relacionando com o projeto que, ao longo do tempo, pode ser adaptado às novas realidades.

Alguns questionamentos ainda reverberam. Esses ecos são novos caminhos para se entender esses ambientes e as atuações arquitetônicas que neles se inserem. Seria pertinente investigar a relação dos moradores com o projeto na escala humana, numa entrevista de campo, numa análise do cotidiano. Nasceu também o questionamento das relações com as

⁴⁰ Cf. Lefebvre, 2016, p.14

centralidades próximas, se os habitantes do Campinho ou de Cascadura utilizam os equipamentos projetados por Jáuregui, isso implicaria numa relação com a escala da cidade, dos fluxos urbanos e das vias já consolidadas do local, fora da escala da análise destes papeis.

Esses entre outros aspectos que terminam em aberto para recomençar em outras pesquisas, são movimento que justifica a importância de se falar das intervenções em favelas e periferias centrais. Neste trabalho se evidencia uma certa distância entre o olhar do arquiteto e urbanista e da periferia, como já apontava Paola Berenstein em 2001⁴¹, mas que, mesmo que muito tenhamos avançado, ainda persiste.

O que clarifica nas últimas frases deste trabalho é o tratamento da linguagem arquitetônica por parte de Jorge Mário Jáuregui. O arquiteto se fez valer da leitura dos espaços e dos vazios para comunicar um ambiente que se quer relacional e democrático, mesmo que na realidade da periferia carioca nem sempre o seja. Nas palavras de Lefebvre, “A cidade emite e recebe mensagem. Essas mensagens podem ser entendidas ou não”⁴². Na tentativa de entender a cidade que Jáuregui articula seus diagramas, tece sua rede de centralidades e constrói suas perspectivas, porque a linguagem é a senhora do homem⁴³ e através dela podemos questionar quando se está em casa e por ela responder que “se está em casa quando o personagem fica à vontade na retórica das pessoas com as quais compartilha a vida”⁴⁴

⁴¹ Cf. BERENSTEIN, 2011, p.18

⁴² Cf. LEFEBVRE, 2016, p.68

⁴³ HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf.

⁴⁴ Cf, AUGÉ, 2012, p.99

Anexo: entrevista de 10/10/18

A entrevista foi concedida no dia 10 de outubro de 2018. Antes de começar a gravar, falávamos de filosofia, por isso este assunto é abordado de forma tão direta já na primeira pergunta. Entre colchetes as respostas de Jorge Mário Jáuregui, entre chaves, detalhes que se apreendem pelo contexto, mas se perdem na transcrição, sem marcação vai a minha fala.

Eu li muitas entrevistas tuas e ... posso te chamar de você?

[Claro!]

Eu gostaria de entender um pouco mais do porquê você ter escolhido a filosofia assim que chegou no Rio de Janeiro.

[Bom, é fácil. Nós, arquitetos, não criamos conceitos, nós usamos conceitos que vêm de outros campos. Quem cria conceitos? A filosofia, a psicanálise... a ciência cria funções. Então, como falava Deleuze, a ciência cria funções, a arte cria agregados sensíveis, a filosofia cria conceitos. Por isso, é muito recomendável que arquitetos leiam filosofia, façam cursos de filosofia, porque aprendem a manejar conceitos, aprendem a se deixar atravessar por questões conceituais. Nós, em nossa profissão, estamos acostumados a tratar de situações concretas, específicas; como a arquitetura tem uma ligação com arte muito grande, a partir do que diz Deleuze, a arte cria agregados sensíveis que são feitos de razão e emoção. Esta junção de razão e emoção são, para mim, um elemento central que tem que ser sempre levado em conta, e devemos sempre estar pensando sobre isso. A filosofia clássica, a filosofia contemporânea... por exemplo, como mencionei Deleuze, os conceitos de espaço liso e espaço estriado, o conceito de rizoma, para pensar multiplamente articulado e não com um único centro, mas com múltiplos centros, que se enraízam no lugar (e esta do lugar e do enraizamento é uma questão bem contemporânea), diferente da modernidade, que implantava intervenções em lugares de terrenos arrasados, normalmente, como tábula rasa. Hoje, nós partimos do

contexto, do que já está lá. E tentamos deduzir, derivar de um a leitura da estrutura deste lugar e de seus contextos particulares. Por isso, a filosofia.]

De que forma você imagina que, naquela época, num contexto de favela, {os seus projetos} têm um caráter transformador?

[Ora, justamente para pensar o complexo da favela. A favela é uma das coisas mais complexas que existe. É, digamos... tanto por umas questões topográficas e estruturais e as relações do tecido existente, como pela memória que esses lugares guardam, suas situações originais e de como chegaram a ser como são. E aí a filosofia nos ajuda a entender isso, esses processos complexos. Não só a filosofia, mas a ciência também. O caos, por exemplo, para a ciência, implica extrema sensibilidade às condições iniciais e, para mim, é fundamental. Ou seja, como eu chegava numa favela pela primeira vez, era isso que tentávamos fazer: permanecer sensíveis às condições do lugar, tentando ver, ouvir, caminhar nos lugares, para poder apreendê-los na sua totalidade, na sua complexidade.]

No âmbito do Favela-Bairro havia uma tentativa, por parte do Governo, de se criar um diagnóstico social

[Sim.]

O quão incluído estavam os arquitetos que participaram destas empreitadas neste processo da criação do diagnóstico?

O Favela-Bairro, sua parte socioeconômica, sua parte social, entrava como um componente da metodologia que precisávamos aplicar para fazer os projetos. Trabalhávamos em equipes multidisciplinares, onde estavam os arquitetos, os urbanistas, os engenheiros e os sociólogos e assistentes sociais que faziam esta parte de pesquisa e de levantamento da situação socioeconômica cultural destes terrenos. Isso foi, no PAC, continuado e, em teoria,

no morar carioca também. Digo ‘em teoria’ por ter ficado muito reduzido, foram tirando muito conteúdo do programa Morar-Carioca até se tornar um pré-favela bairro, para mim.

Uma das questões...

[O café está esfriando]

Uma das questões que conseguimos estudar agora com um afastamento histórico do Favela-Bairro são algumas críticas que dizem respeito ao olhar do arquiteto para esses dados de forma subserviente...

[Sim, *mira*, isto é verdade... é ... o arquiteto como arquiteto e urbanista (numa palavra só) tem a tendência de entrar e projetar, ir diretamente para a parte física. Os dados, muitas vezes, não são relevantes para o projeto, para imaginar a proposta física e, neste sentido, sim, os dados funcionam como uma espécie de coadjuvante. Isso depende do trabalho da equipe que se tem e do diálogo estabelecido com a prefeitura. Mas isso foi avançando depois e no PAC já foi mais intensivo, tanto que foi produzido um livro que foi a base da intervenção no Complexo do Alemão e para Mangueiras. São dois livros que propunham um planejamento urbano para a comunidade, para o complexo, com um traço de 20 anos divididos em 5 etapas de 4 anos. No livro está bem especificado o estudo prévio que se fez por 9 meses antes de elaborar o projeto. Este diagnóstico da situação e das propostas de planejamento mostram que foram levados em conta muitos dados culturais, econômicos e educacionais, a questão etária e de gênero. Ou seja, foram bem intensos esses estudos que dão não a base do projeto, mas dão uma diretriz, dão um sentido às propostas que se fazem para saúde, mobilidade, educação... tudo isso foi utilizado para fazer essas propostas. Neste caso, no plano diretor para o Complexo do Alemão, foram estabelecidos cinco cenários possíveis para a evolução urbanístico-sócio espacial, para que os futuros governos tivessem à disposição um leque de possibilidades de intervenção, dependendo dos interesses políticos que poderiam se orientar.]

Tratando desta tua abordagem no lugar como arquiteto, já no lugar, você lança mão do diagrama depois do recolhimento desses dados?

[Bem, o diagrama é conjunto. Meu diagrama é físico, é como uma radiografia do médico que vê o corpo e detecta os sinais negativos, o que falta, e positivo, as potencialidades do lugar, o que ele poderia vir a ser a partir do projeto.]

E seus diagramas são filosoficamente orientados?

[Sim. A topologia é uma disciplina que se interessa pelas relações entre as partes, não interessa tanto o tamanho ou as dimensões quanto a relação que uma parte mantém com a outra. Isso, por exemplo, no Complexo do Alemão, que minha leitura mostra claramente a complexidade do entrelaçamento das treze comunidades que formam o complexo. Mostrando condições de acesso, centralidades, lugares de encontro, ruas comerciais, que o projeto vai vir ou a reforçar ou a reformular para injetar maior potência ao lugar.]

Falando desta relação que você pode ter de uma análise de seus próprios projetos da década de noventa, qual é sua relação com esses projetos?

[Há um drama, um problema na América Latina, e, aqui, em particular, que é que o poder político faz e depois não conserva. E este não conservar é por vontade política e por falta de uma estrutura de pensamento que exija que o que se faz seja preservado, cuidado, melhorado, acrescido, porque todo projeto tem uma parte de imprevisto, uma parte de não previsível. É uma questão fundamental não só na favela. No Rio Cidade é a mesma coisa. Se faz uma coisa e não se mantém, e a população vai perdendo vínculo com o que se fez, então acontecem transformações como na rua do Catete com esse desastre que a prefeitura mesmo fez, colocando arame farpado no muro da escola. A praça São Salvador, que durante muitíssimos anos serviu de lugar exemplar de utilização da comunidade, e a prefeitura fez uma reforma péssima, tirou o coreto, mudou os brinquedos, colocou revestimento de qualquer tipo. Isso desmoraliza a população, mostra que o poder público não sabe o que faz, que não

controla seus atos. Aí, a população começa a se apropriar e usar de qualquer maneira ou até se lançar sobre o que se projetou e se perde a memória. Isso não só no Rio, mas em São Paulo também existe esse descaso das autoridades para com os projetos.]

Você tocou num ponto interessante que é a população perdendo o vínculo com o lugar. Eu visitei Fubá-Campinho na semana passada e observei a manutenção dos espaços livres, vazios, por parte da comunidade. Qual a importância destes vazios no seu projeto e como você os articula aos cheios?

[Vou buscar mais café, você quer?]

[A questão do espaço vazio é fundamental. Eu penso sempre na planta de Nolli para Roma, onde temos cheios e vazios, partes escuras e claras, onde as partes escuras são os cheios e os claros são os vazios, as ruas, as praças, o espaço público em geral. O vazio tem que ser pensado junto com o cheio, sempre, como uma 'contra-cara'. Porque normalmente o espaço vazio coincide com o espaço público, às vezes não... eu estive em Granada, Espanha, e pude ver como os árabes articulavam os diferentes blocos da edificação com os espaços vazios, que eram os pátios e jardins. Então, esta forma de pensar o edifício como tendo uma parte, digamos, não construída, normalmente com vegetação ou com água...isso se traduz também em espaços públicos das praças e dos palácios como uma possibilidade de intercâmbio de usos, porque o interior passa pro exterior e vice-versa. Já em edificações, que são principalmente um corpo bem definido, mas que têm umas áreas externas que permitem uma aproximação do público para o privado, os árabes faziam mais ainda: tinha o espaço privado íntimo, o espaço de transição e o espaço exterior. Acho que esse espaço de transição temos que estudar muito aqui nos trópicos, de forma que seu edifício seja amistoso com o passante, para o cidadão, seja com marquises, com degraus, com algo que permita uma aproximação física com a edificação, que permita uma relação que não é necessariamente do uso, mas da sua posição no contexto. Lá em Fubá-Campinho, eu projetei a creche com degraus, que

permitem que os filhos esperem suas mães sentados ou que as mães sentem para esperar a saída dos filhos. Esse mini anfiteatro é um lugar de encontro, mesmo quando não tem crianças na creche, as crianças sentam para brincar. Neste sentido, o espaço vazio, o espaço ‘livre’, tende a ser o contraponto do projetado, do fechado.]

Principalmente quando se trata de favela, onde o espaço vazio será ocupado...

[Exatamente.]

Tratando do teu método, que em diversas entrevistas você afirma ter aprendido fazendo, como, hoje, já um arquiteto amadurecido, entende seu método na época do Favela-Bairro?

[Antes do Favela-Bairro, ninguém fazia urbanização de favelas por não haver ‘cliente’, não havia demanda. Com o Favela-Bairro, muita gente, para não dizer todos, nunca havia feito projeto em favela. Então, foi um aprendizado a partir do lugar, de tentativa e erro. Foi uma descoberta, para mim, no campo do pensamento, no campo do pensamento do complexo, de como se conecta a diferença, de como o ‘formal’ e o ‘informal’ podem encontrar pontos de articulação. Sempre propus, desde o início, e nunca foram materializados, centros de criação de trabalho e renda. Aconteceriam como uma espécie de ágora contemporânea, permitindo essa passagem, esse cruzamento, o entrelaçamento entre o formal e informal, o asfalto e o morro. Ainda acho que existe uma grande carência destes pontos de articulação, onde a favela e a classe-média poderiam ter um lugar comum. Proporcionar a união pelo intercâmbio de trabalho, fazendo esses centros de trabalho, para mim, seriam espaços educativos e produtivos ao mesmo tempo. Teria trabalhos, educação, cultura, diversão. Ou seja, esses elementos funcionam como elementos de construção da sociedade. Primeiro o trabalho, depois o esporte e, por último, o divertimento, o baile, a festa. Esses pontos devem estar articulados com toda a favela, com toda a comunidade.]

Falando de Habitação social: Como você se coloca criticamente sobre a escola moderna europeia apropriada na América Latina que estabeleceu grandes conjuntos habitacionais que, até hoje, se estabelecem, muitas vezes, pela quantidade?

[Eu vou responder pelos campos de seção, não pelo ponto massivo. Aqui, na América Latina, temos muitos bons exemplos de Habitação social. Na Colômbia, temos Jorge Salmons, arquiteto moderno que estudou com Le Corbusier, faz habitação social com tijolo aparente em Bogotá. Bogotá é feita, grande parte, de tijolo aparente, assim os projetos permitem uma continuidade visual. Em Buenos Aires, o conjunto dos Andes, feito para trabalhadores...conjunto não é uma boa palavra...um agrupamento de apartamentos, constrói a cidade, a fachada urbana com uma qualidade enorme, baseado no conceito de embasamento, corpo e arremate, uma leitura clássica da arquitetura, mas feita com materiais pré-modernos. Aqui, no Rio, nós temos a maior absorção da modernidade, com respeito à paisagem e não somente com o habitacional, mas inclui a escola, o comércio, fazendo aquilo que se entende por habitação. Habitação não se faz só com apartamentos. Tem que ter escola, tem que ter comércio, tem que ter igreja, isso tudo dependendo da escala do projeto. O Processo precisa ser agradável para quem vive lá, uma boa cidade se faz com boa arquitetura, ou uma arquitetura média, mas de qualidade. O que me interessa muito são as coleções dos objetos urbanos que não me deixam captar de uma única vez todos. O oposto da repetição implacável das fachadas monótonas extensíssimas do modernismo, sem relação na escala humana com a construção. Eu acho que a habitação social é um laboratório de ensaios. Nunca sabemos o suficiente e temos que continuar permanentemente, ainda mais agora com essa diversificação social que aconteceu nas últimas décadas na qual a tecnologia permite uma individualização de situação, onde trabalho e moradia podem existir de um lado, ou comércio e moradia, fazendo a gente imaginar a articulação do pavimento térreo, que é fundamental. Um térreo amistoso, aberto, diferenciado, como nas cidades históricas, com usos variados em poucos

metros de distância. Essa é a oportunidade de oferta de serviço na cidade contemporânea é fundamental para que a cidade seja para todos.]

Numa entrevista você fala que não mora no Rio, mas habita, como Heidegger. Você busca esse habitar na sua arquitetura? De que forma sua arquitetura busca estabelecer essas relações?

[Dependendo do contexto, em cada caso, pode ser diferente a solução. Por exemplo, na Rocinha, no núcleo habitacional, a circulação dos edifícios permite que, ao mesmo tempo em que você acessa ao apartamento, você tenha visão do terreno inferior, garantindo a segurança das crianças; as mães podem olhar de cima e ver o que se passa no espaço público. Outro exemplo é o Rio das Pedras. A gente projetou os edifícios habitacionais formando um pátio central com uma escada de acesso para essas edificações, que são transparentes, revestidas por uma tela aramada que, de dia e de noite, permite ver quem circula. Isso, por razão de segurança, mas também de animação. Você vai subindo e vai vendo o espaço exterior. No alemão, foi diferente; precisamos construir uma fachada urbana sobre uma rua já existente. Compomos duplex um em cima do outro fazendo quatro pavimentos. Nesta fachada, colocamos uma varandinha, que são elementos de conexão da pessoa do interior com o exterior. São sacadas como essa que tenho aqui no escritório para observar a rua. Não tem espaço para cadeiras, mas é como nas sacadas coloniais. Permitem ter uma planta, ter um elemento de expressão do gosto de casa pessoa e sua intenção de enfeitar o espaço exterior, ou a planta que também colabora para o espaço externo]

Para terminar, o que você sabe hoje que seria bom saber quando começou sua carreira?

[Bem, como você disse no início, eu lá {na Argentina} era militante político e técnico; aqui {no Brasil}, eu virei militante técnico e político. Primeiro, vem a profissão, depois a política. É... Não sei o que poderia ter me ajudado mais, não sei responder...muitas

coisas. Talvez uma maior preocupação com a paisagem. Para mim, hoje, a paisagem urbana e rural e central, mas não era vinte anos atrás. Hoje, eu penso a paisagem como o único urbanismo, como uma forma de elemento urbano. Estamos fazendo um projeto em Santo Domingos, na República Dominicana, na beira de um rio que se alaga com os furacões, um parque urbano que está cheio de usos, cheios de ofertas de coisas para a população fazer, se apropriar. Isso passa a ser um elemento muito forte. A rua que rodeia o rio mais o parque preserva uma parte de habitação antiga e uma vegetação frutífera com a paisagem antiga, como uma trama urbana da qual o parque também faz parte. Bom, acho que seria essa questão com a paisagem.]

Obrigado pelo teu tempo.

[Obrigado você.]

Bibliografia

AGACHE, D. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão-remodelação-embellezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em <http://planourbano.rio.rj.gov.br>. Acesso em: 14/09/18

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012.

BARBOSA, Antônio Agenor. Entrevista com o arquiteto Paulo Casé. *Entrevista*, São Paulo, ano 13, n. 049.02, Vitruvius, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/11.049/4185>>. Acesso em: 07/09/18

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Labrys estudos feministas*, n. 1-2, jul/dez 2002.

_____. Introduction. In: *Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. New York: Columbia University Press, 2011. p. 3-68.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Trad. de Ana Lúcia Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DUARTE, Fábio. *Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

GUIMARÃES, Cêça; MOREIRA, Pedro da Luz (Org.). *Cidade Integrada III reflexões sobre diagnóstico social*. Rio de Janeiro: Intituto de Arquitetos do Brasi, 2013

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmastad”, disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf. Acesso em: 21/09/18

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

JAUREGUI, Jorge Maria; VIDAL, Eduardo. Não menos que três, do urbano ao contemporâneo. *Arquitextos*, São Paulo, ano 1, n. 012.05, Vitrus, maio 2001.

JÁUREGUI, Jorge Maria. O inatingível em psicanálise e arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 025.03, Vitruvius, jun. 2002b.

_____. Megacidades, exclusão e mundialização. Do ponto de vista da América Latina. *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 023.02, Vitruvius, abr. 2002a.

_____. *Estrategias de articulación urbana*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MONTANER, Josep Maria. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Rio de Janeiro: Editora GG, 2017.

PERLMAN, Janice. *Favela: Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*. New York: Oxford University Press, 2010.

Síntese da avaliação do programa Favela-Bairro: primeira fase :1995 – 2000. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2006. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO Secretaria Municipal de Urbanismo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em: 03/10/18.

WAISMAN, Marina. *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. Trad. de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

